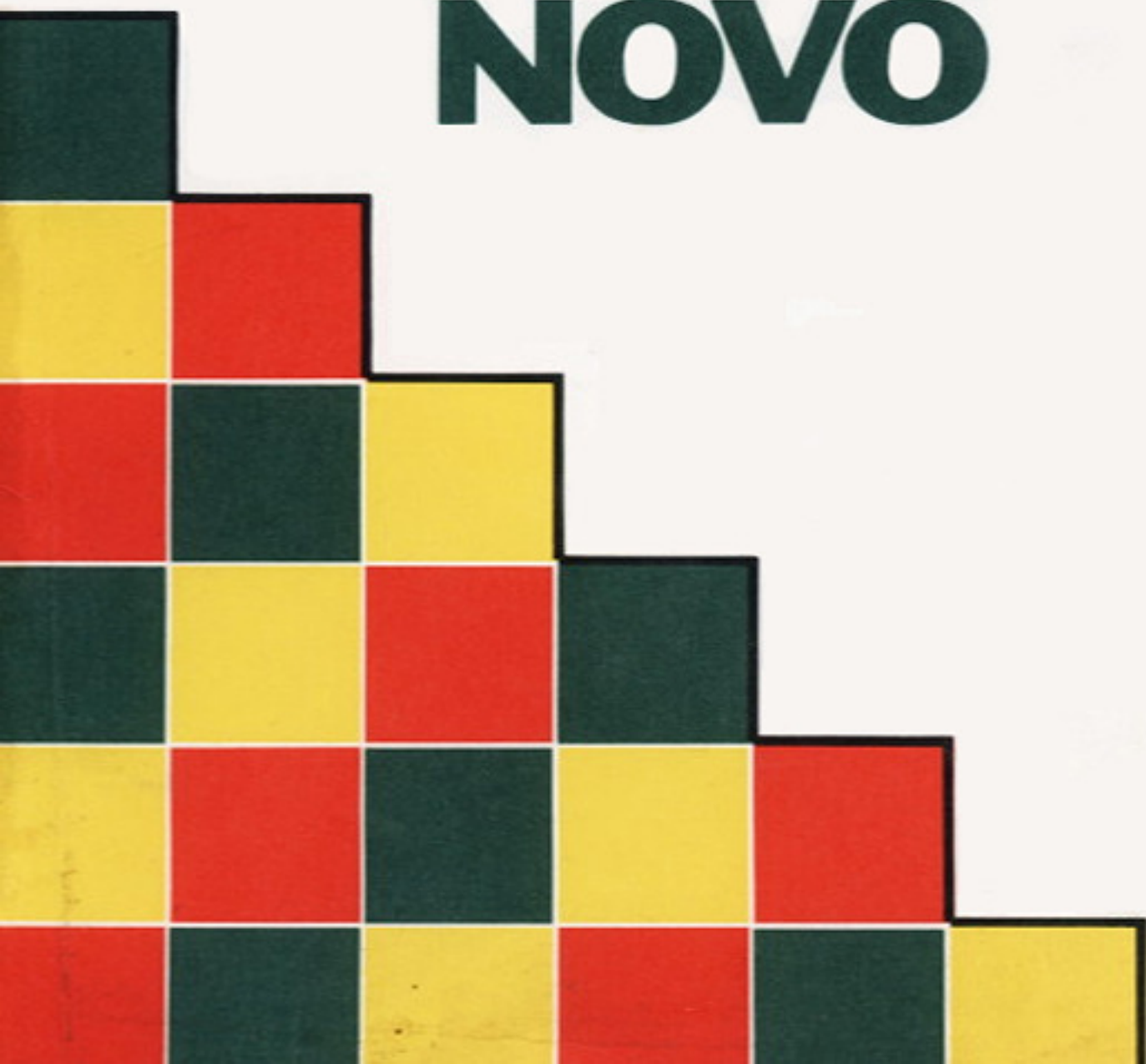




J. HERCULANO PIRES

O HOMEM NOVO



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.

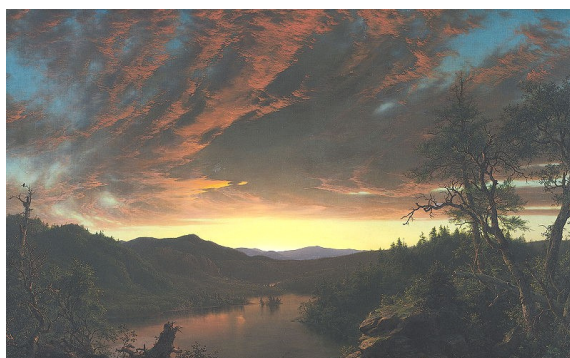


www.ebookespírita.org

Herculano Pires

O Homem Novo

(Lições de Espiritismo / Crônicas)



Frederic Church - Crepúsculo na Wilderness



Conteúdo resumido

José Herculano Pires manteve, durante muitos anos, no jornal “Diário de São Paulo”, órgão dos Diários e Emissoras Associados, uma coluna de crônicas espíritas, na qual abordava temas de interesse geral relacionados com a doutrina codificada por Allan Kardec. Assinava-as com o pseudônimo de Irmão Saulo.

Nesta obra estão reunidas 39 das mais interessantes crônicas do autor, publicadas entre os anos 1969/1970.

Jornalista, filósofo, escritor e professor, Herculano Pires alcançou grande conceito dentro e fora do movimento espírita. Sua produção literária ultrapassa aos oitenta títulos; alguns deles constituem-se verdadeiras obras filosóficas.

Herculano dedicou a maior parte de sua existência em favor da Doutrina Espírita, seja buscando interpretá-la com fidelidade, seja defendendo-a dos ataques dos adversários.

Sumário

Vamos deixar os Espíritos em paz?.....	4
Entre o negativismo e a credence, o equilíbrio espiritual do homem.....	6
“A Lei se fez nosso pedagogo para nos conduzir até o Cristo”.....	9
Resignação espírita.....	12
A família vai acabar?.....	14
A luz da Razão e o poder da Fé.....	17
O homem novo.....	19
Preconceito contra o Espiritismo.....	22
Praticar a caridade e cumprir o Mandamento do amor ao próximo.....	24
Pela gravidade e a caridade Deus governa astros e homens.....	27
A caridade e a filantropia nos ensinamentos de Jesus.....	30
Fazer o bem e praticar a caridade são os frutos das árvores boas.....	33
“Os que têm uma fé religiosa não precisam do Espiritismo”.....	36
Exige a moral espírita uma conduta espontânea.....	40
Situação dos Espíritos perante a dissecação de seus cadáveres ..	42
Kardec e o Judaísmo.....	45
Desaparece o sectarismo à medida que se desenvolve o Cristianismo.....	47
Sobre o Pai Nosso.....	50
Da propagação do Cristianismo ao seu desenvolvimento histórico.....	52
Como eram encarados por Jesus os doentes do corpo e da alma.....	55
“Vai para os meus irmãos e dize-lhes que eu subo para o Meu e Nosso Pai”.....	58
Os Espíritas e a Bíblia.....	61

Desenvolvimento do fenômeno cristão no sentido da libertação espiritual	64
Uma visão geral do processo de desenvolvimento do Cristianismo	66
Brasil – o primeiro país a traduzir os 12 volumes da “Revista Espírita”	69
Mortes súbitas	74
Dialogando com os mortos.....	76
Esclarecendo o problema da morte dentro de nova concepção da vida	78
Dor nos animais.....	80
Cientistas russos procuram contatos com outros mundos	81
Os mundos mortos.....	84
A Lua e a Teologia	86
Conquistaremos outros planetas?	88
Os novos místicos	90
Corpo bioplástico	92
Pesquisa sobre as relações entre o corpo e o espírito	95
Hipnose e reencarnação na Rússia	96
Lembrava-se a menina de Delhi de ter vivido antes em Mathura	98
Lembranças de vidas passadas confirmadas por comunicações	101

Vamos deixar os Espíritos em paz?

O rapaz havia chegado da URSS, da Bulgária, do Congo, de Calcutá e de Paris. Fizera um estagiozinho em Cuba para ver com os olhos o caso do racionamento de açúcar. Lamentava não ter podido assistir ao lançamento da Apolo-8, mas espera estar presente ao da Apolo-9, que afinal será mais importante. A certa altura não se conteve e me perguntou, com um brilho irônico nos olhos: “Depois de tudo o que vi, meu caro, pergunto a você o que vamos fazer dos espíritos. Não há mais lugar para eles. O mundo é dos homens de carne e osso. Os mortos são enterrados.”

Os quatro companheiros de mesa despejaram sobre mim uma rajada de riso e piadas. Um deles repetiu: “Como é, o que vamos fazer com os espíritos?” Ri também e respondi com outra pergunta: “O que vamos fazer com a morte?” A gargalhada geral quase tonteou-me. O rapaz cosmopolita respondeu: “Ora, a morte! Problema solucionado: sete palmos de terra ou forno crematório!”

Lembrei-lhes, então: “Os russos já se tornaram campeões em experiências de telepatia; os americanos acham que a mente e o pensamento não são físicos, materiais; os ingleses (teoria dos psíquicos de Whatelley Carrington, experiências de Soal com voz-direta; Harry Price e a sobrevivência da mente após a morte do corpo, etc.) encaram cientificamente o problema da sobrevivência. E mais, os físicos de hoje, como afirma Rhine, já não acreditam no exclusivismo de força e matéria, e por sinal que tratam de antimatéria, antiátomo e até de antiuniverso.”

Não foi água, mas gasolina na fervura. Partimos para a gritaria e não foi mais possível colocar uma só palavra no seu lugar. Mas uma coisa ficou positivada: todos aqueles rapazes “pra frente” (havia dois “coroas”) não entendiam patavina das questões que propunham. Mesmo o rapaz cosmopolita, que tanto viajara e tanto vira, nada aprendera da verdadeira situação cultural do momento. Jogavam com “slogans”, com idéias feitas, com muita vontade de fazer barulho e principalmente de parecer diferentes. A ordem era essa: dar contra nos “quadrados”. E eu,

com os meus espíritos, era seguramente o representante da classe renegada, da geração obturada.

Quando saímos dali o rapaz cosmopolita me acompanhou. A sós, pudemos conversar melhor. E ele arregalou os olhos quando eu lhe disse: “Os espíritos são uma das forças da natureza. Não são almas do outro mundo. Não estão no céu em contemplação eterna nem no inferno ou por aí, como vocês dizem, a infernizar os mortais. Os espíritos dos mortos são criaturas humanas, como eu e você, simplesmente transferidas, pela morte, de um plano da matéria para outro. Nós, espíritas, não andamos perturbando essa gente do além, como vocês pensam. Essa gente está aqui mesmo e além daqui. É gente que possui corpo material, o perispírito, que os antigos chamavam de corpo espiritual. Gente que se interessa por nós e que vive se comunicando conosco desde que o mundo é mundo.”

– “Se isso é assim ainda posso pensar na coisa”, respondeu pensativo. “Mas sempre me disseram o contrário. Que os espíritos são almas do outro mundo, fantasmas, superstições e nada mais. E que vocês, espíritas, vivem embrulhados nessas idéias e dialogando com o que não existe.” Andou uns passos em silêncio e rematou: “Se você me provar que isso é assim, que eu posso dar uma espiadinha nessa gente, sou capaz de mudar de idéia. Olhe, veja se me arranja uma sessão de materialização, mas das boas! Sabe? Sou capaz de me meter nesse embrulho!”

Entre o negativismo e a credence, o equilíbrio espiritual do homem

Fragilidade das posições extremas do espírito – Fixação da mente no torvelinho do mundo material ou das convenções religiosas – A luta espírita pelo esclarecimento espiritual do homem.

A vida perde o seu sentido, a sua significação, a sua razão de ser, quando o homem se afasta da compreensão espiritual, buscando no mundo material a única explicação das coisas. O chamado homem prático dos nossos dias, inteiramente imerso nos problemas imediatos, funciona como uma máquina. Está muito próximo da concepção cartesiana dos animais: corpos em atividade mecânica, sem alma. Se em meio desse funcionamento inconsciente a que se entrega, alguma desgraça lhe ocorrer, os horizontes se fecharão ao seu redor. Nenhuma perspectiva lhe restará. E é por isso que, em geral, o homem prático, atingido por um golpe arrasador, recorre ao suicídio.

Mas, se o materialismo da vida prática é perigoso, também o é o materialismo teórico, intelectual, equivalente a uma cegueira mental, que não permite ao homem divisar os contornos da realidade. O materialista intelectual, que se apóia numa doutrina filosófica negativa, sente-se forte para enfrentar o mundo enquanto não lhe faltam as forças físicas e os recursos materiais da existência. Uma idéia, como bem acentua Annie Besant em sua “Autobiografia”, o sustenta nas duras lutas da vida: a idéia da dignidade intrínseca do ser humano, que deve manter-se digno pela própria dignidade, sem esperar qualquer recompensa por isso. Mas, diante do desastre, do fracasso temporário, de uma mutilação moral ou física, essa idéia será facilmente eclipsada por outra: a do nada.

Por outro lado, no reverso da medalha, a credence do religiosismo comum não é menos perigosa que o materialismo. O homem que crê sem indagar, sem compreender nem querer compreender, apegado a crenças que lhe impuseram através da

tradição, está sujeito às mesmas dolorosas surpresas daquele que não crê. A fé pela fé é tão insegura quanto a dignidade pela dignidade, a que acima aludimos. Tanto para uma, como para outra, a mente humana exige uma base racional. Fé cega e dignidade cega são frágeis como peças de vidro. Ambas podem quebrar-se com a maior facilidade, ante os golpes da vida. Porque numa como noutra o homem está preso a um ponto de vista estreito, sem a visão global do processo da vida, que lhe daria compreensão e coragem para enfrentar a luta em qualquer circunstância.

Ateísmo e credence são os dois extremos perigosos da condição humana. E tanto assim, que ambos descambam para as soluções extremas, com a maior facilidade, não somente no plano individual, mas também no coletivo. Os crimes do fanatismo religioso e do fanatismo materialista enodoam a história humana. Porque tanto à descrença absoluta como à credence beata faltam as luzes do verdadeiro esclarecimento espiritual, da verdadeira ligação do homem com o sentido da vida. O materialismo age como um ímã, fixando a mente no torvelinho da matéria. A credence fanática faz a mesma coisa com os convencionalismos religiosos, em cujo redemoinho de cerimônias e dogmas prende a mente subjugada. Daí as terríveis contradições que assinalam a história da religião, com os dramas cruéis do fanatismo.

Foi por isso que Kardec inscreveu, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, esta legenda de luz: “Só é inabalável a fé que pode encarar a razão face a face, em todas as etapas da humanidade.” É por isso que o Espiritismo insiste na necessidade do esclarecimento permanente da razão para os problemas da fé. Combatendo o materialismo, com as próprias armas deste, através da observação e da experimentação científicas, o Espiritismo combate, por outro lado, o religiosismo cego, a aceitação fanática de princípios religiosos. Não combate nenhuma religião, mas combate o fanatismo religioso. E nesse combate não usa jamais as armas da impiedade, porque suas armas são o esclarecimento através da pesquisa, do estudo e da exposição da verdade. Ajudar o homem a se equilibrar na posição justa do espiritua-

lismo esclarecido, para que o mundo seja melhor e mais belo, é a missão do Espiritismo neste período difícil da evolução terrena.

“A Lei se fez nosso pedagogo para nos conduzir até o Cristo”

Uma frase de Paulo aos gálatas define a evolução religiosa do homem – Das religiões primitivas à “lei” dos judeus e ao Cristianismo.

O estudo das religiões só pode ser realizado de maneira fecunda à luz dos princípios espíritas. Se encararmos o fenômeno religioso do ponto de vista de qualquer das religiões hoje dominantes no mundo, seremos forçados a uma atitude parcial, que não nos deixará chegar a uma conclusão objetiva. Se o encararmos do ponto de vista de qualquer das escolas filosóficas em voga, ou das antigas, ou se o tratarmos à luz da sociologia e da etnologia, ou mesmo da antropologia cultural, chegaremos a conclusões destituídas de sentido espiritual. A religião será vista apenas no seu aspecto formal, objetivo.

As escolas ocultistas, esotéricas e teosóficas, penetram mais fundo no assunto. Não obstante, apresentam concepções nem sempre admissíveis à luz da razão. Os estudos de religiões comparadas são praticamente formais, e as filosofias espiritualistas, mesmo a de Bergson, que lança maior quantidade de luz sobre o assunto, param no momento exato em que mais deviam avançar. O Espiritismo, combinando a razão e a intuição, a observação objetiva e a subjetiva, os métodos de pesquisa e observação da ciência e os métodos próprios de indagação espírita, abrange na sua concepção todo o panorama do fenômeno religioso.

Precisamente em virtude dessa capacidade de amplitude da visão espírita, muitos estudiosos da doutrina se recusam a admiti-la como uma manifestação cristã. Habitados a encarar o Cristianismo como uma simples forma de religião, pensam que o qualificativo de cristão estabelece limites à interpretação espírita do fenômeno religioso. Não obstante, os que têm aprofundado o assunto são unânimes, a partir de Kardec e Denis, em reconhecer que a condição cristã é indispensável ao Espiritismo, para que

ele realmente seja a doutrina ampla que é. O Cristianismo, analisado “em espírito e verdade”, não é uma forma estreita de crença, mas uma forma ampla de compreensão.

Na sua apreciação do fenômeno religioso, o Espiritismo começa, desde Kardec, por admitir que o desenvolvimento religioso do homem atingiu, com o Cristianismo, um dos seus momentos decisivos. Cristo não foi apenas um marco entre dois mundos, mas também e sobretudo a expressão mais alta da evolução espiritual do homem e o orientador do seu desenvolvimento futuro. Pouco importa que, no processo histórico, o Cristianismo tenha sido submetido a injunções temporais, e aparentemente perdido a sua força transformadora. A própria história nos mostra que ele nunca pôde ser completamente submetido, e que, no momento previsto pelo próprio Cristo, conseguiu romper todas as amarras da tradição e mostrar-se novamente na sua verdadeira natureza. À semelhança do próprio Cristo, o Cristianismo ressuscitou, depois de haver descido ao sepulcro e às regiões inferiores.

O Espiritismo nos mostra a evolução religiosa do homem como um lento processo, que vem do animismo e fetichismo primitivos até às formas complexas de religiões da antiguidade, com sua multiplicidade de deuses e de fórmulas, suas hierarquias sacerdotais e seus sistemas aparatosos de cultos. Depois, num estágio mais adiantado, aparece a religião monoteísta dos judeus, embora ainda apegada a fórmulas pagãs, inclusive no tocante aos rituais sangrentos do sacrifício. Por fim, surge o Cristianismo, com seu espírito de liberdade, que o apóstolo Paulo exalta em suas epístolas. O Cristianismo é a espiritualização da religião. Liberta-a do culto formalista, da exterioridade, da organização social. Liberta-a da “lei”, como ensina Paulo, advertindo aos gálatas (23:24) que a única função da lei foi a de pedagogo, para conduzir-nos à liberdade em Cristo.

Como vemos, o Cristianismo surge no curso da evolução religiosa como um momento de emancipação espiritual do homem. Depois, submerge também no oceano de fórmulas sacramentais e sistemas dogmáticos a que a mente humana se habituara através dos tempos. Mas, no meio de todas as exterioridades, conserva a sua força interior, até o momento anunciado pelo Cristo, segundo

o Evangelho de João, em que teria de ser restabelecido. O Espiritismo aparece, então, como a verdadeira Renascença Cristã, na expressão feliz de Emmanuel. Sua missão é completar a obra do Cristo, libertando a religião dos compromissos exteriores e instaurando na Terra aquele reinado do espírito de que Jesus falou à mulher samaritana.

Resignação espírita

Uma das acusações que se fazem ao Espiritismo é a de levar o homem ao conformismo. “Os espíritas se conformam com tudo, – escrevem-nos – e dessa maneira acabarão impedindo o progresso, criando entre nós um clima de marasmo, favorável às tiranias políticas do Oriente. A idéia da reencarnação é o caldo de cultura do despotismo, pois as massas crentes se entregam a qualquer jugo.”

Muitos confundem a resignação espírita com o conformismo religioso. Mas, contraditoriamente, acusam o Espiritismo e não acusam as religiões. Por outro lado, tiram conclusões teóricas de fatos que podem ser observados na prática. A idéia da reencarnação não é nova, não nasceu com o Espiritismo, e não precisamos teorizar a respeito, pois temos toda a história da humanidade ante os olhos, para nos mostrar praticamente os seus efeitos.

Vamos, entretanto, por ordem. E tratemos, primeiro, da resignação e do conformismo. A resignação espírita decorre, não de uma sujeição místico-religiosa a forças incontroláveis, mas de uma compreensão do problema da vida. Quando o espírita se resigna, não está se submetendo pelo medo, mas apenas aceitando uma realidade à qual terá de sujeitar, exatamente para superá-la, para vencê-la. Não é, pois, o conformismo que se manifesta nessa resignação, mas a inteligente compreensão de que a vida é um processo em desenvolvimento, dentro do qual o homem tem de se equilibrar.

Acaso não é assim que fazemos todos, espíritas e não-espíritas, em nossa vida diária? O leitor inconformado não é também obrigado, diariamente, a aceitar uma porção de coisas a que gostaria de furtar-se? Mas a diferença entre resignação ou aceitação, de um lado, e conformismo, de outro, é que a primeira atitude é ativa e consciente, enquanto a segunda é passiva e inconsciente. O Espiritismo nos ensina a aceitar a realidade para vencê-la.

“Se a doença o acoisa, – dizem – o espírita entende que está sendo vítima do fatalismo cármico, do destino irrevogável. Se a

morte lhe rouba um ente querido, ele acha que não deve chorar, mas agradecer a Deus. Se o patrão o pune, ele se submete; se o amigo o trai, ele perdoa; se o inimigo lhe bate na face esquerda, ele lhe oferece a direita. O Espiritismo é a doutrina da despersonalização humana.”

Mas acontece que essa despersonalização não é ensinada pelo Espiritismo, e sim pelo Cristianismo. Quando o Espiritismo ensina a conformação diante da doença e da morte, o perdão das ofensas e das traições, nada mais está fazendo do que repetir as lições evangélicas. Ora, como o leitor acusa o Espiritismo em nome do Cristianismo, é evidente que está em contradição. Além disso, convém esclarecer que não se trata de despersonalização, mas de sublimação da personalidade. O que o Cristianismo e o Espiritismo querem é que o homem egoísta, brutal, carnal, agressivo, animalesco, seja substituído pelo homem espiritual. A “personalidade” animal deve dar lugar à verdadeira personalidade humana.

Quanto ao caso das doenças, seria oportuno lembrar ao leitor as curas espíritas. Não chega isso para mostrar que não há fatalismo cármico? O que há é a compreensão de que a doença tem o seu papel na vida humana. Mas cabe ao homem, nesse terreno, como em todos os demais, lutar para vencê-la. O Espiritismo, longe de ser uma doutrina conformista, é uma doutrina de luta. O espírita luta incessantemente, dia e noite, para superar o mundo e superar-se a si mesmo. Conhecendo, porém, o processo da vida e as suas exigências, não se atira cegamente à luta, mas procurando realizá-la com inteligência, num constante equilíbrio entre as suas forças e o poder dos obstáculos.

A família vai acabar?

Nas fases de transição, como a que estamos vivendo, surgem os mais curiosos problemas. Um deles, que já vem encontrando repercussão no meio espírita (por estranho que pareça) é o desaparecimento da família. Um psiquiatra gaiato, em São Paulo, fez uma investida contra a família pela televisão e lançou alguns livros “libertários”, mas atualmente se encontra em recesso. Talvez esteja curtindo as reações do público para amadurecer depois de velhote. Os jovens geralmente se entusiasma com essas “novidades”, pois não sabem que são “novidades barba-das”, tipo Papai Noel. Acreditam que são idéias geniais, muito *pra frente*, nascidas na era cósmica.

A família, como todas as instituições e como todas as coisas, sofre mudanças através do tempo. (Os sociólogos atuais não gostam de falar em evolução, preferindo falar de mudanças...) Da família edênica formada pelo par bíblico (o mito de Adão e Eva) até a família poligâmica oriental (um homem com muitas mulheres) há uma numerosa seqüência de formas familiares. Da mesma maneira, da família patriarcal das civilizações agrárias à família democrática da era industrial há toda uma variadíssima gama a ser estudada. Mas há também, na História, civilizações quase antifamiliares, como a de Esparta, na Grécia antiga, e civilizações rudimentares da pré-história em que as hordas substituíam as famílias.

Num jornal de jovens espíritas, em São Paulo, saiu recentemente pequeno artigo em que se preconiza a “família coletiva”, já em fase experimental em alguns países escandinavos, segundo afirma o articulista. Essa é uma idéia anarquista, um sonho de igualdade edênica do chamado socialismo utópico. As experiências dos escandinavos são feitas também em muitos outros países, inclusive no nosso. Nestes tempos de reviravolta ninguém e nenhum povo estão livres de maluquices. Há também experiências de famílias (?) homossexuais, com várias duplas convivendo numa só cama. (O prefixo grego *homós* de homossexual

não quer dizer *homem*, mas *igual*, de maneira que as duplas podem ser de homens ou de mulheres.)

Mas isso já existiu em forma até mais escandalosa, como as das comunidades religiosas edênicas que viviam em mosteiros, em plena nudez, sem duplas, na promiscuidade paradisíaca do futuro... Tinha razão o Eclesiastes: não há nada de novo sob o sol. Na fase final da esplendente civilização grega o homossexualismo expandiu-se de tal forma que chegou-se a organizar batalhões de duplas amorosas para a guerra. A teoria novíssima daquele tempo era a seguinte: o amante não quer fazer feio diante do amado, de maneira que esses batalhões deviam ser mais heróicos do que os outros. A loucura do mundo não tem limites. E sempre existiu. É por isso que as novidades de hoje nascem de barba branca.

Mas há sempre um jeito de remoçar a loucura. Hoje os sociólogos e psicólogos novidadeiros apelam para a evolução científica. Vestem de roupas novas as extravagâncias do passado. Dizem que o progresso da genética e da embriologia determinará a extinção da família. Podendo gerar embriões em laboratório os homens dispensarão o processo natural de procriação. As maluquices nesse terreno vão ao infinito. O sociólogo norte-americano Alvin Tofler publicou recentemente um artigo em que preconiza a morte da paternidade e da maternidade, com “a produção de crianças em laboratório”.

Mas o pior é que, por conta dessas e outras utopias, muitos jovens se atiram a experiências desastrosas. Querem ser *pra frente* e caem nas mais tristes situações. Em São Paulo, há algum tempo, certo jornal publicou reportagem sobre experiências de seis casais de universitários num apartamento da zona central da cidade. Em nome do futuro esses jovens estavam regressando à promiscuidade pré-histórica. As conseqüências virão depois. Não se trata de conseqüências físicas, já por si suficientes para criar embarços numerosos, mas principalmente de conseqüências morais. Esses jovens acreditam numa *nova moral*, mas não sabem ainda que a Moral Nova do futuro não se faz de retrocessos.

A família é a primeira forma de sociabilidade do novo ser que vem ao mundo. É nela que ele se adentra para a vida social. E é nela também que se processa o seu desenvolvimento afetivo, a sua evolução moral, com o rompimento do egocentrismo. As relações familiares têm uma finalidade essencial: a formação das novas condições emocionais das criaturas reencarnadas para uma nova existência. Como ensina o Espiritismo, as famílias terrenas são apenas reflexos das famílias espirituais. Nem jovens nem velhos espíritas podem aceitar essas tolices do século, a menos que não conheçam a sua própria doutrina ou não aceitem os seus princípios.

A luz da Razão e o poder da Fé

O conceito religioso da fé como graça especial, concedida por Deus aos crentes de uma determinada religião, pertence ao passado. Esse conceito equivale a uma interpretação profundamente injusta da Justiça Divina. A fé é um dom, sem dúvida, mas a doação de Deus é sempre universal, nunca se processa na medida estreita dos homens. Deus é o Criador e nós somos as suas criaturas. Isso quer dizer que Deus é Pai e nós somos os Seus filhos. Como poderia o Pai Supremo, que é fonte de todo o amor, de toda a misericórdia, conceder apenas a alguns dos Seus filhos o dom fundamental da fé, sem o qual o homem não poderia se elevar a Ele?

O novo conceito da fé, estabelecido pelo Espiritismo, coloca o problema em termos claros e precisos. A fé, como dom natural, está presente no coração de todas as criaturas humanas. À semelhança do amor, que todos trazemos em gérmen dentro de nós, a fé precisa germinar em nosso coração e ser cultivada por nós à luz da Razão. Assim, a fé nos é dada como semente, mas temos de cultivá-la e desenvolvê-la. Nesse sentido, a fé se toma uma conquista que temos de fazer na vida. Todas as nossas faculdades não devem também ser cultivadas? A fé é uma faculdade da alma, do espírito, e cabe-nos desenvolvê-la em nós mesmos.

Fé e razão se ligam com o Sol e a Terra. A razão é o sol espiritual que alumia o nosso entendimento, afugentando as trevas e o frio da ignorância e da superstição, para nos dar a luz da compreensão e o calor da vida. Um homem sem fé está morto em si mesmo, é o seu próprio sepulcro. Mas basta-lhe acender a luz da razão para libertar-se da morte e do túmulo, para ressuscitar como Lázaro ante a voz do Messias.

O materialista, o ateu, o homem sem fé, na verdade confia em si mesmo, tem fé nas suas próprias forças. É como o peixe das profundezas, que sabe dominar a água mas ainda não conhece a luz do sol. A fé humana que o sustenta nas lutas diárias da vida vai se abrir na fé divina que lhe mostrará o esplendor das estrelas. A luz da razão, à semelhança da luz solar, fará germinar e

crescer o poder da fé em seu coração. Ninguém se perde, ninguém está condenado para sempre. A Justiça de Deus se cumpre no íntimo de nós mesmos, porque Deus está em nós, presente em nós na misericórdia da suas leis.

O homem novo

Para construir um mundo novo precisamos de um homem novo. O mundo está cheio de erros e injustiças porque é a soma dos erros e injustiças dos homens. Todos sabemos que temos de morrer, mas só nos preocupamos com o viver passageiro da Terra. Por isso, a humanidade desencarnada que nos rodeia é ainda mais sofredora e miserável que a encarnada a que pertencemos. “As filas de doentes que eu atendia na vida terrena – diz a mensagem de um espírito – continuam neste lado.”

Muita gente estranha que nas sessões espíritas se manifestem tantos espíritos sofredores. Seria de estranhar se apenas se manifestassem espíritos felizes. Basta olharmos ao nosso redor – e também para dentro de nós mesmos – para vermos de que barro é feita a criatura humana em nosso planeta. Fala-se muito em fraude e mistificação no Espiritismo, como se ambas não estivessem em toda parte, onde quer que exista uma criatura humana. Espíritos e médiuns que fraudam são nossos companheiros de plano evolutivo, nossos colegas de fraudes cotidianas.

O Espiritismo está na Terra em cumprimento à promessa evangélica do Consolador, para consolar os aflitos e oferecer a verdade aos que anseiam por ela. Sua missão é transformar o homem para que o mundo se transforme. Há muita gente querendo fazer o contrário: mudar o mundo para mudar o homem. O Espiritismo ensina que a transformação é conjunta e recíproca, mas tem de começar pelo homem. Enquanto o homem não melhora, o mundo não se transforma. Inútil, pois, apelar para modificações superficiais. Temos de insistir na mudança essencial de nós mesmos.

O homem novo que nos dará um mundo novo é tão velho quanto os ensinamentos espirituais do mais remoto passado, renovados pelo Evangelho e revividos pelo Espiritismo. Sem amor não há justiça e sem verdade não escaparemos à fraude, à mistificação, à mentira, à traição. O trabalho espírita é a continuação natural e histórica do trabalho cristão que modificou o mundo antigo. Nossa luta é o bom combate do apóstolo Paulo: despertar as

consciências e libertar o homem do egoísmo, da vaidade e da ganância.

“Os anos não nos dão experiência nem sabedoria – dizia o vagabundo de Knut Hamsun – mas nos deixam os cabelos horrosamente grisalhos.” É o que vemos no final desse poema bucólico da Noruega que é “Um Vagabundo Toca em Surdina”. Knut Hamsun era um individualista e sobretudo um lírico do individualismo. Mas o homem que se abre para o altruísmo sabe que as verdades do indivíduo são geralmente moedas falsas, de circulação restrita. A verdade maior – ou verdadeira – é a que nasce do contexto social, da usina das relações, onde o indivíduo se forma pelo contato com os outros.

Os anos não trazem apenas os cabelos brancos – trazem também a experiência, mestra da vida, e com ela a sabedoria. E no dia a dia da existência que o homem vai modelando aos poucos a sua própria argila, o barro plástico de que Deus formou o seu corpo na Terra. Cada idade, afirmou Léon Denis, tem o seu próprio encanto, a sua própria beleza. É belo ser jovem e temerário, mas talvez seja mais belo ser velho e prudente, iluminado por uma visão da vida que não se fecha no círculo estreito das paixões ilusórias. O homem amadurece com o passar dos anos.

A vida tem as suas estações, já diziam os romanos. À semelhança do ano, ela se divide nas quatro estações da existência que são: a primavera da infância e da adolescência, o verão da mocidade e outono da maturidade e o inverno da velhice. Mas também à semelhança dos anos, as vidas se encadeiam no processo da existência, de maneira que as estações se renovam em cada encarnação. Viver, para o individualista, é atravessar os anos de uma existência. Mas viver, para o altruísta, é atravessar as existências palingenésicas, as vidas sucessivas, em direção à sabedoria. O branquear dos cabelos não é mais do que o início das nevascas do inverno. Mas após cada inverno voltará de novo a primavera.

A importância dos anos é, portanto, a mesma das léguas numa caminhada em direção ao futuro. Cada novo ano que surge é para nós, os caminheiros da evolução, uma nova oportunidade de progresso que se abre no horizonte. Entremos no ano novo com a

decisão de aproveitá-lo em todos os seus recursos. Não desprezemos a riqueza dos seus minutos, das suas horas, dos seus dias, dos seus meses. Cada um desses fragmentos do ano constitui uma parte da herança de Deus que nos caberá no futuro.

Preconceito contra o Espiritismo

Ainda existe, em maior escala do que se pensa, o medo do Espiritismo. Há pouco, fomos procurados por uma pessoa que, sentindo evidentes perturbações de origem mediúnica, e tendo percorrido os consultórios de psiquiatria, vira-se obrigada a recorrer aos “recursos espirituais”, segundo dizia. Quando soube que não estava tratando com um “espiritualista”, mas com um espírita, assustou-se de tal maneira, que viu-se forçada a confessar o seu medo. “Se eu soubesse que o senhor era espírita – declarou – não o teria procurado.”

A verdade é que, apesar disso, acabou se convencendo de que o Espiritismo poderia ajudá-la, e mais tarde tornou-se espírita. Mas não foi muito fácil arrancar-lhe da mente o pavor doentio que lhe haviam infundido. Sacerdotes, pessoas da família, amigos e médicos, todos haviam contribuído para que o medo se enraizasse em sua alma. Terrível medo, que a desviava da única solução possível para o seu problema. E o que é mais curioso, a maior contribuição para esse estado de temor foi dado por certas publicações espiritualistas, que apesar de admitirem a reencarnação e a lei de causa-e-efeito, condenam a mediunidade, pintando-a com as mais negras pinceladas.

O preconceito anti-espírita assemelha-se muito à prevenção contra o Cristianismo, no mundo antigo. As pessoas que temem o Espiritismo não conhecem a doutrina, dão ao termo aplicações indevidas, perdem-se num cipoal de lendas e suposições a respeito das sessões espíritas. Em geral nos acusam de endemoniados, necromantes, feiticeiros e coisas do mesmo teor, como faziam gregos e romanos com os cristãos primitivos. E essas deturpações do Espiritismo não são apenas orais, correndo entre pessoas simples. Figuram também em publicações eruditas, revistas, jornais, livros de ensaios e estudos, com signatários cultos.

Pitágoras já dizia que a Terra é a morada da opinião. E como a opinião é a coisa mais frívola que existe, a mais incerta e a mais irresponsável, não é de admirar que tanta gente opine sobre o que não conhece. Mesmo entre os letrados, a opinião é um

hábito enraizado. Mas é evidente que, quando se trata de uma doutrina espiritual, esposada por tantos homens de projeção no mundo das ciências e do pensamento, em todo o mundo, as pessoas de cultura, ou mesmo de mediana cultura, deviam ter mais cautela ao se manifestarem a respeito. Porque se é livre o direito de opinar, não é menos livre o direito de se julgar o senso de responsabilidade de quem opina.

O maior motivo de temer do Espiritismo é o próprio temor. Ou seja: é a covardia humana, essa terrível covardia que faz os homens estremecerem de horror diante do perigo de mudarem de posição diante da vida e do mundo. O Espiritismo, entretanto, não exige outra mudança, senão a da concepção estreita de uma vida utilitarista e falsa, para a ampla concepção de uma vida espiritual, profunda e verdadeira. Quanto ao problema das relações com o mundo invisível, o Espiritismo não estabelece essas ligações, que existem na vida de todas as criaturas, mas apenas as explica e orienta, dando-lhes o verdadeiro sentido no processo da existência: Temer o Espiritismo é temer a verdade, que os seus princípios nos revelam, apesar de todos os que lutam para deturpá-los.

Praticar a caridade e cumprir o Mandamento do amor ao próximo ¹

**Conhece-se a árvore pelos frutos – O conceito cristão de Deus
– A pele de ovelha e a pele humana.**

O conceito fundamental do Cristianismo é o da paternidade universal de Deus. Por isso é que Deus é único. Os muitos deuses da antiguidade, que dividiam ferozmente os homens, perdem o domínio do mundo, quando Jesus pronuncia a palavra Pai, Até mesmo Jeová, o deus dos exércitos, deixa o seu lugar ao Deus de Amor do Cristianismo. Os privilégios e divisionismos não têm mais razão de ser, diante da parábola do Bom Samaritano e do ensino de Jesus à mulher samaritana.

O Espiritismo, surgindo na Terra em cumprimento à promessa do Consolador, para restabelecer a pureza do ensino de Jesus, restabelece o conceito cristão de Deus como Pai. Por isso Kardec ensinou, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, que o nosso lema deve ser: “Fora da caridade não há salvação”. A bandeira sectarista das religiões apegadas ao velho exclusivismo é substituída pela bandeira cristã do “amai-vos uns aos outros”.

Kardec chega mesmo a esclarecer que não devemos dizer: “Fora da verdade não há salvação”, porque cada qual interpretando a verdade a seu modo, esse lema serviria para perpetuar na Terra as lutas religiosas, que são a própria negação da religião. A caridade, pelo contrário, a todos une e a ninguém condena, como ensinou o apóstolo Paulo.

Lemos, entretanto, num pequeno e agressivo artigo contra o Espiritismo, esta curiosa afirmação: “A pele de ovelha do espírito é a caridade. Fazer o bem e praticar a caridade.” O articulista entende que os espíritas fazem a caridade para perder as almas. São instrumentos do demônio, mas usam as armas do amor. Se ao menos fingissem que fazem a caridade, ainda se compreenderia. Mas não. Em vez de fingir, praticam mesmo a caridade e fazem o bem. E nisso está o seu terrível disfarce. Tanto mais

terrível, quanto Jesus ensinou que só podemos conhecer a árvore pelos frutos.

A preocupação do articulista transparece logo mais, quando ele acrescenta que os espíritas usam nomes de santos nos Centros, expõem imagens e fazem orações, para enganar os incautos. Quer dizer que tudo isso só teria uma finalidade: afastar os filhos de Deus do verdadeiro caminho. Acontece, porém, que os espíritas, ao darem nomes de santos a alguns Centros, têm apenas o propósito de homenagear espíritos elevados, que são conhecidos como santos.

Por exemplo: Santo Agostinho e São Luiz deram comunicações a Kardec, que figuram em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Por que usaram o título de santo? Porque assim são conhecidos e só assim podiam identificar-se. E somente por isso. Não obstante, os organismos dirigentes do movimento espírita são contrários a essas denominações para Centros, justamente para evitar-se a confusão em matéria de princípios religiosos.

Quanto ao uso de imagens, é puro engano. Espíritas não usam imagens, como os cristãos primitivos não usavam. As imagens só aparecem em agrupamentos espiritistas humildes, de gente sem instrução, apegadas à religião popular que lhes ensinaram na infância. Também no Cristianismo primitivo acontecia isso. Cristãos novos apegavam-se aos ídolos pagãos, por costume e falta de esclarecimento. Mas, na proporção em que o Espiritismo for sendo compreendido, essa gente humilde abandonará as imagens. O Espiritismo ensina que devemos adorar a Deus em espírito e verdade, segundo a lição de Jesus à mulher samaritana.

No tocante à oração, é claro que os espíritas devem fazê-las. Kardec chegou mesmo a publicar um livro de preces. Como acontecia no Cristianismo primitivo, os espíritas repetem a prece do Pai Nosso, ensinada por Jesus, e sabem que a oração é o meio de se elevarem a Deus e se comunicarem com os Bons Espíritos.

Não se trata, pois, de pele de ovelha, mas da própria pele humana. O homem é filho de Deus e deve dirigir-se a Ele. Kardec explica o sentimento religioso como lei natural, segundo vemos no capítulo sobre a “Lei da Adoração”, em “O Livro dos Espíri-

tos”. O que acontece é que os espíritas aprenderam, no Evangelho, que devem orar de coração puro, sem nenhuma prevenção contra os seus irmãos. Porque Deus é Pai e todos são Seus filhos, seja qual for o caminho religioso que estejam seguindo.

Pela gravidade e a caridade Deus governa astros e homens

Como Jesus entendia a caridade – Resposta dos Espíritos a Kardec – Das manifestações materiais às espirituais.

O Espiritismo nasceu da Caridade, e nela e por ela se desenvolve. Mas, para bem compreendermos esse fato, é necessário, primeiro, entendermos o verdadeiro sentido da palavra Caridade. Kardec perguntou aos Espíritos qual era esse sentido, segundo Jesus a entendia. E os Espíritos lhe responderam o seguinte: “Benevolência para com todos, indulgência para com as imperfeições alheias, perdão das ofensas”.

Comentando essa resposta, que encontramos na pergunta 886 de “O Livro dos Espíritos”, Kardec anotou: “A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, mas abrange todas as relações com os nossos semelhantes, quer se trate de nossos inferiores, iguais ou superiores.” Como se vê, ao dizer que o Espiritismo nasceu da Caridade, não dizemos que ele nasceu da esmola, mas da efusão natural e pura do amor.

Jesus, que por amor encarnou-se entre os homens, praticou aquilo que hoje chamamos de caridade-espírita: elevou os pecadores em vez de condená-los, afastou os espíritos obsessores das criaturas doentes ou perturbadas, curou pela palavra esclarecedora e amorosa, afastou os homens do orgulho e do sectarismo vaidoso. Por caridade, ofereceu-nos as lições de amor do Evangelho. Mas, conhecendo a nossa inferioridade, formulou ainda, por caridade, a promessa do Consolador, que viria quando estivessemos em condições de compreendê-lo.

A vinda do Consolador é, portanto, um ato de caridade. Mas não é apenas a manifestação de uma caridade pessoal do Senhor. Porque, para que o Consolador se manifestasse, foi necessário que o Pai Supremo atendesse às nossas necessidades evolutivas e que os Espíritos Benevolentes se entregassem à missão de nos despertarem para os problemas espirituais. A caridade que mana do alto, do supremo poder de Deus, manifestou-se então na

Terra, em cumprimento à promessa de Jesus, através do trabalho de amor dos seus Enviados.

Não foi uma esmola dada ao mendigo, mas uma atitude de compreensão e solidariedade. Por isso, os espíritos caridosos colocaram a luminosa palavra, até hoje malsinada pela ignorância humana, como bandeira da luta pela espiritualização da Terra. E Kardec nos ofereceu o lema doutrinário, tão bem definido em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, através de mensagens esclarecedoras e dos comentários do Codificador: “Fora da caridade não há salvação.”

Compreendida conforme a compreendia Jesus, e de acordo com a bela definição do apóstolo Paulo, a Caridade foi o escudo do Espiritismo, na batalha sem tréguas da sua propagação. Em vão se ergueram contra a nova doutrina todas as forças dominantes do mundo. À maneira do Cristianismo, que venceu pela força do amor, o Espiritismo foi dobrando todas as resistências, através da prática da caridade, em todas as suas formas de manifestação. Desde a caridade de uma palavra de compreensão e estímulo, até a concretização das campanhas humanitárias e das instituições de assistência ao próximo.

Tão grande, porém, é ainda a inferioridade humana, que até mesmo no meio espírita encontramos dificuldades para a verdadeira colocação do problema espiritual da caridade. Muitos o interpretam em termos materiais, apegados ao conceito de caridade como esmola, e outros, em contraposição, condenam o aspecto material da caridade, apegando-se apenas ao conceito de caridade como ajuda espiritual, através de conselhos ou preces. A caridade, entretanto, é como a luz, que, sendo única, manifesta-se por variadas formas.

Na mensagem de Vicente de Paulo, que encontramos no item 889 de “O Livro dos Espíritos”, lemos o seguinte: “Amai-vos uns aos outros, eis toda a lei, divina lei pela qual Deus governa os mundos. O amor é a lei de atração para os seres vivos e organizados, e a atração é a lei do amor para a matéria inorgânica.” Eis uma clara explicação do problema, que devia ser lida e meditada por todos os que disputam sobre a questão da prática verdadeira da caridade. Ela nos ensina a compreender os graus

da caridade, a partir da sua manifestação no plano da matéria inorgânica, até a suprema expressão do amor consciente e poderoso de Deus.

Na matéria, o amor produz a gravidade, e é por isso que o amor de Deus governa os mundos no espaço. No espírito, o amor produz a caridade, que se manifesta em benevolência, indulgência, perdão e amparo. Graças às manifestações da caridade, Deus governa os homens na vida social, e os eleva da terra aos céus. E assim como a caridade tem o seu equivalente no plano material, é natural que tenha, no plano do espírito manifestado na matéria, as suas formas materiais de manifestação, da qual a esmola é a mais humilde.

Distribuir recursos aos pobres, dar esmolas, ou construir abrigos, asilos, hospitais, orfanatos, são formas objetivas da caridade, que enobrecem quem as pratica, mas nunca devem ser motivos de orgulho e vaidade. Porque as formas objetivas são meios de conduzir nosso espírito às manifestações mais puras da caridade, que constituem suas formas subjetivas. Se em vez de utilizarmos aquelas como meios, delas nos servirmos como fins, interrompemos o processo natural do desenvolvimento da caridade em nós mesmos, e acabamos por destruir os germens divinos em nossos corações. É por esse motivo que fundadores e diretores de instituições caridosas acabam, muitas vezes, necessitando de caridade.

Se quisermos, pois, que o Espiritismo se desenvolva através da caridade, único meio pelo qual ele realmente pode desenvolver-se, não esqueçamos que caridade é, antes de mais nada, benevolência, indulgência e perdão. Mas não esqueçamos também que essas três virtudes, para serem bem praticadas, devem ser compreendidas em si mesmas, pois há quem as confunda com as formas contraditórias da falsa tolerância e da displicência moral. Em tudo, como aconselhava Kardec, precisamos usar o crivo da razão.

A caridade e a filantropia nos ensinamentos de Jesus

Uma resposta do Mestre aos fariseus – Fazer o bem para salvar-se e fazê-lo por amor – “A caridade não se ensoberbece”.

A última novidade, na luta contra o Espiritismo, é a descoberta de que os espíritas não praticam a caridade, mas apenas a filantropia. A caridade exige o amor a Deus, a pureza da fé, e elevação espiritual. A filantropia é coisa mais simples: amor do homem, da criatura, e não do Criador. O caridoso faz o bem pensando em Deus, de coração voltado para o Pai. O filantropo o faz pensando apenas no seu semelhante. Essa a diferença. E os espíritas, considerados “instrumentos do diabo”, inimigos de Deus, não podem fazer a caridade.

Somos obrigados a tratar desses temas, às vezes, em virtude da maneira por que eles são levantados por adversários do Espiritismo. Nossa doutrina está ainda enfrentando aquela mesma fase polêmica do Cristianismo antigo, após a fase apologética. E isso só serve para confirmar que o Espiritismo é, realmente, como dizia Kardec, um restabelecimento do Cristianismo em sua formulação inicial, ou como diz Emmanuel: “a renascença cristã”. Neste sofisma sobre a caridade e a filantropia, por exemplo, temos de voltar às próprias palavras do Cristo, para mostrar que nem tudo se passa de maneira tão simples.

Os fariseus procuravam sempre enredar Jesus em problemas dessa espécie. Na defesa de seus princípios, e principalmente de suas prerrogativas religiosas, considerando-se como intérpretes únicos da escritura e únicos legítimos conhecedores da religião, propunham ao Mestre e aos Seus seguidores questões ardilosas, como aquela do pagamento do imposto a César, que ficou célebre. Certa vez, segundo nos conta o evangelista Mateus (cap. XXII, vers. 34 a 40), perguntaram a Jesus qual era o maior mandamento da Lei. E o Mestre respondeu com estas palavras claras:

“Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento. Este é o maior e o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Destes dois mandamentos dependem toda a lei e os profetas.”

Esta resposta não deve ter agradado aos fariseus. Porque Jesus, como vemos, fez certa confusão entre caridade e filantropia. Disse que amar a Deus era o principal mandamento, mas logo depois ensinou que amar aos homens era semelhante àquele. E acrescentou que desses dois mandamentos dependiam toda a lei e os profetas, ou seja, que de uma só coisa, o amor, decorre toda a religião, toda a salvação, toda a revelação, toda a escritura revelada. Ora, dizer isso aos fariseus formalistas, a homens que faziam da religião um sistema convencional de preceitos e sacramentos, era o mesmo que dizer uma heresia. Não foi à-toa, portanto, que Jesus terminou no madeiro.

Para os fariseus, amar a Deus só era possível dentro do farisaísmo. Amar aos homens era coisa secundária, era simples filantropia, coisa de gente sem iluminação espiritual, sem conhecimentos religiosos elevados. Mas eis que Jesus diz esta enormidade: que amar aos homens é semelhante a amar a Deus. E noutras ocasiões, como na parábola do Bom Samaritano, o Mestre reafirma a Sua lição, mostrando que o samaritano desprezado, herege, “instrumento do diabo”, afastado de Deus e da Lei, era melhor que o fariseu privilegiado pela graça de Deus. E melhor por quê? Porque sabia fazer a filantropia, amar ao seu semelhante, sacrificar-se por uma criatura sofredora e infeliz.

Na verdade, o samaritano de então, como o espírita de hoje, não deixava de amar a Deus. Mas suponhamos que deixasse. Imaginemos que o samaritano, naquele tempo, ou o espírita, em nossos dias, fossem realmente criaturas sem Deus, ou até mesmo ligadas ao diabo. Veremos então esta curiosa contradição : de um lado, os filhos de Deus praticando a caridade pelo interesse da salvação própria; de outro, os filhos do diabo praticando a filantropia sem nenhum interesse, a não ser o amor do próximo. Qual dos dois seria mais meritório, no plano de uma avaliação moral?

Jesus, que compreendia bem essas coisas, mostrou que na verdade não se pode amar a Deus sem amar ao próximo. E que o amor do próximo é o caminho, e ao mesmo tempo a prática do amor de Deus. Por isso acrescentou aquela regra de ouro: “Assim, tudo o que quereis que os homens vos façam, fazei-o também vós a eles: porque essa é a lei e os profetas.” O egoísmo farisáico, com toda a sua enorme soberba, com a sua pretensão de exclusivismo religioso, foi condenado para sempre, nessas doces lições de humanidade. Jesus nos convida sempre ao amor, que é compreensão do próximo, sob o auxílio paternal de Deus, e não ao sectarismo exclusivista e agressivo, ao farisaísmo arrogante.

Aconselhamos as pessoas interessadas em maior desenvolvimento deste assunto a lerem “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, de Allan Kardec. O problema da caridade, não segundo um conceito teológico, ou, como dizia Paulo: “não na letra que mata”, mas no “espírito que vivifica”, segundo a concepção espiritual, está ali colocado de maneira magistral. Maravilhosas instruções dos espíritos, recebidas por Kardec ou a ele enviadas por pessoas de todas as partes do mundo, esclarecem esse problema à luz das lições evangélicas. “A caridade não se ensoberbece” – como dizia o apóstolo Paulo, e o Espiritismo a ensina com humildade, sem arrogar-se o privilégio da sua prática.

Fazer o bem e praticar a caridade são os frutos das árvores boas

Conhecemos as árvores pelos seus frutos – Deus não faz distinções humanas – O conceito espírita de salvação.

De vez em quando, recrudescem as campanhas religiosas contra o Espiritismo. Seja a título de “esclarecimento”, ou a pretexto de “salvação”, na piedosa intenção de converter as ovelhas tresmalhadas, essas campanhas, que surgem mansamente, acabam degenerando em movimentos agressivos. A intenção piedosa se transforma, na prática, em violência anti-fraterna. Evidente demonstração da falta de verdadeiro sentimento religioso, que leva as pessoas a se esquecerem da paternidade universal de Deus, para se apegarem ao dualismo anticristão do masdeísmo, dividindo o mundo entre dois poderes iguais: o de Deus e o do Diabo.

De um lado são colocados os filhos de Deus, que estão sempre com a boa causa. De outro, os do Diabo, que usam sempre de artimanhas para perderem as almas. Esse velho modo de pensar, que constituiu a arma de dominação das religiões antigas, em todas as civilizações desaparecidas, não pode mais encontrar ressonância em nosso tempo. Desde que o Cristo definiu Deus pela pequenina palavra “Pai”, ensinando que o bom samaritano era melhor que o mais escrupuloso fariseu, o exclusivismo das velhas seitas perdeu o sentido. O que ainda o fez prevalecer no mundo cristão foi simplesmente a incompreensão do Cristianismo, e principalmente a sua deturpação.

O Espiritismo, como Consolador Prometido, vem restabelecer o ensino do Cristo em sua pureza primitiva. Por isso mesmo, restabelece o conceito cristão de Deus como Pai, e como Pai Supremo de toda a Humanidade, sem privilégios e divisionismos, a todos amparando no seu amor infinito. Assim como, para Jesus, o samaritano não era pior que o fariseu, assim também, para Deus: católicos, espíritas, protestantes, budistas, xintoístas, maometanos, são todos iguais. O que importa não é o sistema de

crenças que adotem, pois os sistemas são invenções humanas, mas a maneira por que se conduzem na vida. Os que forem sinceros em suas crenças e souberem amar ao próximo como a si mesmos, estão mais próximos de Deus do que os outros, que transformam a religião em campo de lutas odiosas.

Kardec explica luminosamente, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, que ao velho lema sectarista, segundo o qual fora desta ou daquela religião não há salvação, o Espiritismo opõe o lema cristão: “Fora da caridade não há salvação”. E esclarece que, se os espíritas proclamassem, por exemplo, que fora da verdade não haveria salvação, ainda assim estariam errados, pois cada qual se julga na posse da verdade, e as lutas religiosas se perpetuariam na Terra. A mensagem espírita é, portanto, a da caridade, que une a todos na prática do bem e no esforço para compreensão mútua. Como a mensagem do Cristo é a do amor universal, sem divisionismos, que o apóstolo Paulo traduziu pela prática da caridade, em sua mais elevada expressão.

Lemos, entretanto, num artigo contra o Espiritismo, esta curiosa afirmação: “A pele de ovelha espírita é a caridade. Fazer o bem e praticar a caridade”. É o caso de dizermos: bendita pele de ovelha! Quisera Deus que todos os homens a vestissem! Pois se fazer o bem e praticar a caridade é fazer-se de ovelha, certamente o velho conceito do lobo disfarçado perde o seu sentido. Maravilhoso poder do Espiritismo, que transforma assim o homem, desviando-o do caminho tortuoso do mal e do ódio, para o caminho reto da caridade e do bem! Como podemos conhecer a árvore, senão pelos seus frutos? Não foi isso o que Jesus nos ensinou? Ora, se os espíritas podem ser conhecidos pela maravilhosa pele de ovelha da caridade, não é de supor-se que, por baixo da pele, o coração também seja de ovelha?

Logo mais, diz o artigo que os espíritas usam ainda outra forma de pele de ovelha, dando nomes de santos aos Centros, expondo imagens e fazendo orações. Esta nova forma, na verdade, já não teria importância, diante da outra, que tudo supera. Mas nesse ponto é preciso esclarecer que o joio da mentira se mistura ao trigo da verdade, e é bom separá-los. Há espíritas que dão nomes de santos aos Centros, porque a compreensão espírita

lhes permite ver que Deus não faz acepção de pessoas. Um santo pode ser um espírito realmente elevado. Santo Agostinho, por exemplo, deu luminosas comunicações a Kardec, que figuram no “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, e São Luiz fez o mesmo. Por que usaram o título de “santo”? Para serem identificados, pois os homens assim os conhecem há muitos séculos. E somente por isso.

Quanto ao uso de imagens nos Centros, é puro engano. Espíritas não usam imagens. Só podemos encontrá-las em agrupamentos humildes, de gente sem instrução e ainda apegada à religião popular que lhe foi ensinada em criança. Também no Cristianismo primitivo acontecia isso. Cristãos novos se apegavam a ídolos do paganismo. Mas o Espiritismo esclarecerá essa gente humilde, porque ele é uma luz que espanca inevitavelmente as trevas. Quanto, porém, a fazer orações, não somente os espíritas devem fazê-las, mas todas as pessoas realmente religiosas, conhecedoras, por pouco que seja, da existência de Deus e dos Espíritos Superiores. O que acontece é que os espíritas aprendem, na sua doutrina, que ao orarem pelos seus irmãos de outras crenças devem ter o coração puro, cheio de amor fraterno, em lugar de vibrações de pesado rancor sectarista.

Não é verdade, pois, que os espíritas usam a pele de ovelha da adoração de imagens ou das preces falsas, para iludirem os outros. Longe disso. Os espíritas pregam incessantemente, através de palestras, artigos de jornais e revistas, livros doutrinários, e nas aulas de catecismos dos Centros, que não se pode ser ao mesmo tempo espírita e de outra religião. O espírita tem de ser espírita. O que lhe compete, não é fingir-se praticante de ritos que a sua doutrina condena, mas ser fraterno, tolerante e compreensivo para com os seus irmãos de outras crenças. E isso não é vestir-se de ovelha. E apenas compreender a religião em espírito e verdade, como Jesus ensinou à mulher samaritana.

“Os que têm uma fé religiosa não precisam do Espiritismo”

Curiosa declaração de Kardec – Finalidade da doutrina é combater a descrença e não a crença – Citações errôneas de “O Livro dos Médiuns”.

Os que combatem o Espiritismo, em nome desta ou daquela religião, costumam dizer que estão apenas procurando preservar os seus fiéis da armadilha espírita. E porque assim dizem, esforçam-se para demonstrar que o Espiritismo é uma espécie de doutrina embusteira, feita para enganar os outros. A mesma coisa diziam do Cristianismo, nos tempos apostólicos e pós-apostólicos, os sacerdotes e magos das religiões politeístas, apegados aos seus formalismos sacramentais e aos seus templos repletos de imagens. Veja-se, por exemplo, a passagem de “Atos dos Apóstolos” em que Paulo se vê a braços com os fanáticos da deusa Diana, de Éfeso.

Encontramos viva descrição desse episódio em Atos, cap. 19. Um ourives de Éfeso, chamado Demétrio, reúne outros ourives e lhes adverte que a pregação anti-idólatra de Paulo constitui perigo para a sua profissão. Acusa Paulo de desencaminhar as almas. Os versículos 27 a 29 dizem textualmente o seguinte: “– Não somente há perigo de que esta nossa profissão caia em descrédito, como também que o templo da grande deusa Diana seja desconsiderado, e que venha mesmo a ser privada da sua grandeza aquela a quem toda a Ásia e o mundo adoram.” Ouvindo isto, se encheram de ira, e clamavam: “– Grande é a Diana dos efésios! A cidade encheu-se de confusão, e todos correram ao teatro, arrebatando os macedônios, Gaio e Aristarco, companheiros de Paulo em viagem”.

Como vemos, em nome da deusa Diana, o ourives Demétrio conseguiu acusar de embusteiros os cristãos apostólicos, que pregavam tão somente a verdade evangélica, para libertarem as almas do domínio das religiões idólatras. Hoje, a mesma técnica continua a ser usada contra o Espiritismo. Não obstante, o Espiri-

tismo não procura iludir ninguém, nem pretende que os adeptos desta ou daquela religião se tornem espíritas. Allan Kardec deixou bem claro, em seu livro “O que é o Espiritismo”, que a finalidade da doutrina é combater o materialismo, a descrença, e não as diversas formas de espiritualismo existentes no mundo. Lá estão as suas palavras incisivas: “Os que têm uma fé religiosa, e estão satisfeitos com ela, não precisam do Espiritismo”. Logo mais, insistindo no assunto, Kardec diz que a doutrina não veio para forçar convicções, mas tão somente para oferecer uma base racional de crença espiritual aos que não podem tê-la, por não aceitarem as formas existentes.

Os adversários do Espiritismo apegaram-se, ultimamente, a um trecho de “O Livro dos Médiuns”, para mostrarem que a doutrina é embusteira. Não esclarecem, porém, que esse trecho trata da ação dos Espíritos junto a pessoas necessitadas, que procuram sessões espíritas. Chegam a atribuir a Kardec o que, na verdade, é apenas uma resposta dada pelos Espíritos a ele. Kardec admirou-se de que os Espíritos elevados concordassem, às vezes, com idéias erradas de pessoas que os consultavam. Os Espíritos então lhe explicaram que “apropriavam sua linguagem às pessoas”, pois do contrário não conseguiriam esclarecê-las. E acrescentaram que se um chinês ou um maometano procurassem uma sessão espírita para se esclarecerem, eles, os Espíritos Superiores, incumbidos por Deus de orientar as pessoas sequiosas de verdade espiritual, não falaria a essas pessoas da mesma maneira que a um francês.

Como se vê, questão de bom senso. Os próprios missionários católicos e protestantes, ao pregarem o Evangelho nos países não-cristãos, usam esse processo. Entre nós, sabemos que os jesuítas chegaram a usar a linguagem, as danças, os cantos e as próprias lendas dos indígenas, para ensinar-lhes princípios cristãos. O problema está muito bem explicado no “Livro dos Médiuns”, capítulo 7 da terceira parte do livro. Quem se der ao trabalho de consultar esse capítulo, verá que não existe ali nenhuma espécie de embuste. E nem podia existir, pois o livro em questão é feito para o povo, traduzido e vendido livremente por toda parte. Milhões de exemplares já foram publicados no Brasil.

Bem tolos seriam os espíritas, se quisessem divulgar assim, amplamente, qualquer método escuso de iludir os outros.

Além disso, os espíritas conscientes, realmente conhecedores da sua doutrina, não se interessam por impô-la a ninguém. Se a pregam, se a ensinam, é simplesmente para cumprir o dever fraterno de transmitir a verdade. O que acontece é que a verdade espiritual vem interessando cada vez mais aos homens, desde o aparecimento do Espiritismo. A evolução humana vai fazendo com que as criaturas superem as formas ingênuas de crença da antiguidade, e procurem ansiosamente princípios mais positivos e mais claros. O Espiritismo é diariamente solicitado por pessoas que, embora possuindo esta ou aquela religião, não se mostram satisfeitas. A culpa não é dele, nem dos espíritas, mas da evolução. Os homens de hoje já não podem crer ingenuamente. Precisam de princípios racionais, querem ter aquela fé, de que falava Kardec, que pode enfrentar a razão face a face.

Isso também aconteceu com um brilhante doutor da lei, entre os fariseus, que se chamava Saulo. A princípio, zeloso da sua fé, ele investiu ferozmente contra o Evangelho. Mas a pouco e pouco sua mente foi se esclarecendo, porque ele era sobretudo sincero, e então aconteceu aquele glorioso episódio da estrada de Damasco. O próprio Cristo, servindo-se da mediunidade de Saulo, ensinou-lhe o que ele ainda não pudera compreender. Desde então, Saulo renunciou ao formalismo judaico, para aceitar o princípio da adoração de Deus em espírito e verdade, acima de todas as convenções humanas da seita farisaica.

Admiramos Saulo, justamente pela sua coragem de abandonar as prerrogativas do sacerdócio judaico, as vantagens sociais e políticas, a excelente posição que a igreja judaica lhe assegurava, para tornar-se um réprobo, mas abraçado à verdade. Compreendemos que Paulo não existiria, se antes dele não houvesse o doutor da lei que se chamava Saulo. Esse doutor estava errado, mas era sincero. Sua sinceridade o levou à compreensão da verdade. Assim, adotamos o nome de Saulo em nosso pseudônimo, como um tributo de homenagem à sinceridade daquele doutor da lei. Por outro lado, não nos consideramos na posse do conhecimento evangélico e da grandeza espiritual de Paulo.

Preferimos seguir a nossa estrada de Damasco, em vez de nos vangloriarmos de uma iluminação que só o encontro com o Cristo pode proporcionar.

Exige a moral espírita uma conduta espontânea

Há uma tendência bastante forte, no meio espírita, para um tipo de moral religiosa que se caracteriza pelo artificialismo. Compreende-se que grande número de pessoas, em consequência das heranças do passado e dos exemplos do presente, não consigam adotar outra forma de conduta. Mas não é justo que os espíritas mais esclarecidos, de mente suficientemente aberta para as novas perspectivas que a doutrina abre sobre o mundo, continuem a formalizar-se na vida social.

O Espiritismo, ensina Kardec: “é uma questão de fundo e não de forma”. De nada vale o exagero nas boas maneiras, a voz macia e os extremos de pureza formal, – não comer carne, não fumar, não tomar bebidas alcoólicas, não freqüentar festas mundanas, não contar nem ouvir anedotas picantes, – se o coração não estiver limpo. A pureza que o Espiritismo nos ensina é interior. Deve, por isso mesmo, reger a nossa conduta, em vez de esperarmos que uma conduta artificial nos purifique.

Quando o Espiritismo ensina que os formalismos do culto exterior são inúteis, ensina também que toda exterioridade sem raízes no coração é igualmente inútil. E é o mesmo que Jesus ensinava, ao repelir os formalismos da hipocrisia farisaica. Veja-se o caso do ascetismo, da fuga ao mundo, às responsabilidades pesadas da vida em sociedade, que o Espiritismo condena como produto do egoísmo. Se a encarnação é a nossa possibilidade de relações com pessoas e meios sociais, a que estamos ligados em virtude do passado, é claro que devemos aproveitar essa oportunidade e não inutilizá-la. Estamos, agora, no lugar certo, como diz uma recente mensagem mediúnica, e seria prejudicial fugirmos a ele.

O espírita não tem motivo algum para retornar às práticas da moral farisaica. A doutrina lhe ensina a espontaneidade, a naturalidade, e a correção dos seus erros e dos seus defeitos na própria relação com os semelhantes. É na vida de relação que podemos evoluir. Querer forçar a evolução com abstenções e atitudes falsas seria iludir-nos a nós mesmos e também aos

outros, o que é ainda mais grave. Ninguém vira santo por meio de fórmulas. Não é o que entra pela boca o que contamina o homem, como Jesus ensinou, mas o que sai da boca. Nossa conduta deve refletir o que somos, e por isso devemos cuidar muito mais do nosso coração do que das nossas aparências.

Situação dos Espíritos perante a dissecação de seus cadáveres

**Curioso episódio relatado pelo prof. Paul Gibier
– Pancadas invisíveis contra o anatomista e um médium
– Experiência mediúnica numa sala de anatomia.**

Qual a situação dos espíritos que vêm os seus corpos dissecados nas salas de anatomia? Anualmente, em certas escolas superiores, celebram-se cerimônias religiosas especiais, por intenção desses espíritos. Agora mesmo, os jornais noticiaram a celebração da chamada “Missa do Cadáver”, na Faculdade de Farmácia da Universidade de São Paulo. Poderia o Espiritismo dizer-nos alguma coisa a respeito do assunto, que naturalmente interessa a todos os espiritualistas?

“O Livro dos Espíritos”, obra básica da doutrina, informa-nos quanto às mais variadas situações espirituais do homem, após a morte. No capítulo sexto da segunda parte do livro, Kardec inseriu, como item quarto, um “Ensaio teórico sobre a sensação nos Espíritos”, que esclarece bem o problema. O espírito consciente do seu estado, mas ainda preso às sensações materiais, ligado ao corpo, é atingido pelo que fazem ao cadáver, embora não sinta mais as dores físicas da dissecação. Muitas vezes se revolta, se encoleriza. Por isso mesmo, antes dos trabalhos dessa natureza, professores e alunos deviam reunir-se em prece, em favor dos espíritos que ainda estiverem ligados aos corpos que vão ser dissecados.

As cerimônias religiosas posteriores são homenagens, quase sempre simbólicas, enquanto as preces e vibrações mentais anteriores constituiriam ajuda eficiente. Sabemos muito bem que isto ainda não é possível, no ambiente materialista em que vivemos. Sabemos também que muitos professores e alunos darão de ombros ao que estamos dizendo, por considerarem a nossa atitude puramente supersticiosa, sem nenhum fundamento científico. Entretanto, assim não pensam os grandes cientistas que se interessaram pelas experiências espíritas. E alguns deles, como o

prof. Paul Gibier, ex-interno dos hospitais de Paris, ajudante naturalista do Museu de História Natural, Oficial da Academia, podem fornecer-nos dados curiosos a respeito desse problema.

No seu ensaio de “fisiologia transcendente”, ou “ensaio sobre a ciência futura”, como ele mesmo o chamou, conta-nos o prof. Gibier o que lhe aconteceu, numa experiência psíquica realizada em sala de anatomia. O livro em que aparece esse relato tem o título de “Análise das Coisas”, lançado em tradução portuguesa pela Livraria da Federação Espírita Brasileira. Um dos mais lúcidos e belos trabalhos, de ordem científica, sobre o Espiritismo, já publicados no mundo.

O prof. Gibier realiza sessões, quase diariamente, à noite, para observações sobre “a força anímica”, numa sala de laboratório próxima aos anfiteatros de dissecação da Escola Prática da Faculdade de Medicina de Paris. Pouco antes da noite de uma das sessões, realizara estudos de cirurgia num cadáver, no laboratório. Durante os trabalhos, que deviam produzir fenômenos de materialização e efeitos físicos, conseguiu-se pouco. O médium se queixava de más influências, que tentavam dominá-lo. Ao se retirarem, – conta o prof. Gibier, – “em caminho, da rua Lhomond para a rua Claude Bernard, fomos repentinamente agredidos por uma saraivada de pancadas, que ouvíamos e sentíamos muito bem, e que alcançavam principalmente o médium”.

Uma semana depois, reuniram-se novamente, o prof. Gibier e seus amigos, com o médium, na mesma sala. Mal entraram ali, começaram os fenômenos físicos, de natureza violenta. E logo depois o médium era “tomado” por um espírito vingativo, que tentou agredir o experimentador. Ainda inexperiente, o prof. Gibier chegou a travar luta com o médium. Quando se lembrou, porém, das instruções de uma pessoa “muito em dia com essas coisas”, tomou atitude diferente. Através de vibrações favoráveis e de passes, conseguiu que a entidade se retirasse, deixando o médium. Tratava-se do espírito do cadáver dissecado, que desejava vingar-se do que considerava uma profanação.

Este exemplo, que nos é dado por um médico, um sábio, um investigador consciencioso e leal, mostra que não estamos falando de duendes ou fantasmas, e sim de princípios vitais, que não

podem ser esquecidos por professores e alunos de medicina. Deixemos que o próprio prof. Gibier explique o que há de natural, de positivo, e não de imaginário ou supersticioso, neste problema. “A vida, tal como a observamos, – diz o mestre, – mostra-se no ponto de convergência de três princípios. Ou, se preferirdes: o Espírito animizou a Energia e organizou a Matéria, para fazer agir uma sobre a outra e dar vida ao ser.”

Em outras palavras, nos termos da doutrina espírita: o Espírito animiza o Perispírito, ou Corpo Espiritual, e este organiza o Corpo ou organismo material. Ao dissecar um cadáver, estamos lidando com uma parte do Ser, que, longe de se encontrar extinto, permanece em todo o seu poder energético e espiritual. Podemos fazê-lo, em benefício da ciência, mas não devemos esquecer o respeito que nos merece a criatura espiritual a ele ligado.

Kardec e o Judaísmo

As ligações do Espiritismo com o Judaísmo são de ordem histórica, profética, escriturística e fenomênica (e que vale dizer: mediúnic). Historicamente o Judaísmo é o ponto de partida da concepção espírita da vida e do mundo. Kardec o considera como a I Revelação, personificada em Moisés e desenvolvida pelos profetas. Essa revelação, codificada na Bíblia (Velho Testamento), anuncia outra que virá com o Messias: o Cristianismo ou a II Revelação. Esta, personificada em Jesus, como o Cristo ou Messias de Israel, e codificada nos Evangelhos, anuncia outra que virá com o Espírito de Verdade: O Espiritismo ou III Revelação.

Kardec explica esse processo histórico na introdução do mais popular dos seus livros, que é “O Evangelho Segundo o Espiritismo”. Mas trata do assunto nas demais obras da Codificação, ou seja, nos cinco livros fundamentais da doutrina espírita, também chamados, por analogia bíblica, de pentateuco kardequiano. O Judaísmo é considerado como um momento de síntese da evolução espiritual da Terra. Um momento decisivo, que assinala a transição do nosso planeta, de seu estágio de misticismo-supersticioso (psiquismo indiferenciado) para o estágio superior de misticismo-racional, com o aparecimento do monoteísmo.

O povo judeu foi o primeiro povo monoteísta da História. Antes, houve antecipações monoteístas em várias religiões, mas sempre restritas aos meios dirigentes. A própria transição dos judeus para o monoteísmo é assinalada na Bíblia como uma fase de lutas dolorosas, como se vê no episódio das taboas da lei, no Sinai. Mas, consolidado o monoteísmo judeu como concepção popular, houve um povo e um ambiente capazes de permitir a encarnação do Cristo na Terra, para dar ao planeta um novo impulso evolutivo. O Cristianismo é o desenvolvimento de uma nova concepção de vida, também dolorosamente conquistada, mas que prepara o advento da concepção espírita.

Em “O Céu e o Inferno”, terceiro volume da codificação espírita, Kardec assinala que o Judaísmo, ao contrário das religiões

crístãs, não se levantou contra o Espiritismo. E considera esse fato como uma decorrência natural de conteúdo espírita da revelação mosaica e de todo o seu desenvolvimento profético. Estudando a acusação católica de que o Espiritismo é condenado pelo capítulo 18 de “Deuteronômio”, mostra que essa condenação não abrange o Espiritismo e representava apenas uma medida contrária às práticas mágicas e supersticiosas da época, que os israelitas haviam aprendido no Egito. Mostra ainda que todas as condenações de Deuteronômio correspondem às do Espiritismo em nossos dias, no tocante à prática da mediunidade. Como se pode, pois, acusar o Espiritismo pelo que ele mesmo condena?

A ligação profética do Espiritismo com o Judaísmo vem das anunciações da Bíblia e dos Evangelhos sobre as revelações futuras. As ligações escriturísticas vêm da seqüência natural dos textos religiosos: da Bíblia aos Evangelhos e destes ao Livro dos Espíritos. A ligação fenomênica é de natureza mediúnica. A tenda de Moisés no deserto era uma câmara mediúnica em que se davam até mesmo fenômenos de materialização, como se pode ver diretamente nos relatos bíblicos.

Desaparece o sectarismo à medida que se desenvolve o Cristianismo

Dos grupos primitivos ao universalismo cristão
– Porção de fermento numa medida de farinha
– Construção de um mundo sem barreiras.

O sectarismo religioso, como todo sectarismo, não é mais que um resíduo das fases primitivas da evolução humana. Porque a humanidade se desenvolveu através de formas grupais, fechadas em seus sistemas próprios, egoístas e isolacionistas. Grupos humanos como a família, o clã, a tribo, e posteriormente as cidades, as nações, eram organismos que se fechavam em si mesmos, hostis aos demais, apegados a sistemas de defesa que o instinto de conservação originava e aguçava. Esse mesmo espírito egoísta, que se baseava na natureza animal e na estreiteza mental dos homens, caracterizou as religiões, as linhagens familiares, os agrupamentos políticos, e ainda em nossos dias ofereceu-nos o doloroso espetáculo do racismo nazista.

À proporção, porém, em que a humanidade evolui, o espírito humano se alarga, superando barreiras e destruindo fronteiras. O homem se universaliza. Sua mente se abre a uma compreensão mais ampla do mundo. Seu coração, como um botão de flor que desabrocha, distende as fibras no sentimento universal do amor. Para o homem tribal, somente os da sua tribo eram gente, todos os demais não passavam de “inimigos”. Para o racista, só os da sua raça têm valor. Para o sectarista, só os da sua seita prestam, só eles estão certos e merecem a proteção de Deus. No Cristianismo, concepção universalista do mundo, esse resíduo de épocas primitivas ainda conseguiu medrar, provocando os terríveis morticínios religiosos que enegrecem a história humana. Porque a natureza do homem não cede com facilidade às influências renovadoras. Já no Espiritismo, porém, não é possível permitirmos a continuidade desses sentimentos negativos.

O espírito sectário é a negação dos princípios cristãos e, por conseguinte, a negação dos princípios espíritas, que revivem no

mundo moderno os ensinamentos de Jesus e da era apostólica. Fazer do Espiritismo uma seita é asfixiar os princípios doutrinários. Foi por isso, e tendo em vista o universalismo da ciência, que Kardec insistiu na natureza científica da doutrina. Apresentar o Espiritismo como uma religião equivaleria a atirá-lo imediatamente nas lutas sectárias da época. Apresentando-o como ciência, Kardec o tornava acessível a todos. Como vemos, entretanto, nos seus livros, e particularmente em “O que é o Espiritismo”, “A Gênese” e “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, a concepção de Kardec era muito mais ampla, entendendo o Espiritismo como uma revelação de tríplice aspecto: científica, filosófica e religiosa.

O Cristianismo é um lento, grandioso e profundo processo de reforma do mundo. Jesus definiu a sua função ao se referir à porção de fermento que colocamos numa medida de farinha, para fazê-la levedar. Durante quase dois mil anos o fermento cristão levedou a pesada farinha do mundo, misturando-se a ela, penetrando-a, absorvendo-a. Mas chegaria o momento decisivo desse processo, em que o fermento cristão revelaria a sua verdadeira natureza. Esse momento está anunciado no Evangelho de João: é o do Consolador, do Espírito da Verdade, e chegou com o Espiritismo. A era espírita, em cujo segundo século nos encontramos agora, é a continuidade natural da era cristã. A farinha do mundo, dominada pelo fermento cristão, vai perdendo o seu antigo sabor, para adquirir outro. Uma das tonalidades desse antigo sabor, que tem de desaparecer o quanto antes, é exatamente o sectarismo, a atitude mental estreita, que escraviza o homem ao seu ponto de vista exclusivo.

O mundo que o Espiritismo está construindo na Terra, com base nos princípios fundamentais do Cristianismo, é essencialmente universalista, e portanto anti-sectário. O Espiritismo não se proclama o único meio de salvação humana, nem se diz o detentor exclusivo da verdade. Do ponto de vista espírita, todas as religiões são formas de interpretação da suprema verdade, e todas conduzem o homem a Deus, quando praticadas com sinceridade. O que importa, como dizia Kardec, não é a forma, mas o espírito. De uma vez por todas, os espíritas precisam libertar-se

dos resíduos sectaristas, não respondendo no mesmo tom às agressões sectárias de que são vítimas a todo momento. Somente praticando a fraternidade e a tolerância poderemos ajudar a construção do mundo sem barreiras que será o Reino de Deus na Terra.

Sobre o Pai Nosso

A carteira de identidade dos Espíritos, segundo ensina Kardec, é a linguagem. A experiência comprovou, em todo o mundo, através de mais de um século, a verdade desse ensino. Mas a maioria das pessoas que se interessam pelo Espiritismo parece ignorá-lo, o que abre as portas a muitas mistificações de linguajar pomposo e às vezes até mesmo desrespeitoso. Sob a responsabilidade da Livraria Freitas Bastos está sendo divulgado um folheto pretensamente espírita sobre a prece do Pai Nosso. A identidade do autor se comprova desde o título. Mas é necessário advertir os incautos quando à procedência desse folheto desrespeitoso.

O autor é encarnado e se apresenta como um novo Messias. Mais um motivo para se compreender que o caso é lamentável. Entidades sombrias o arremetem, como um ariete mediúnic, contra o Cristianismo e o Espiritismo. Seus argumentos não são melhores que seu linguajar. Afirma que Jesus não ensinou essa prece. Para ele, trata-se de “burrices que Jesus não disse”. Bastaria isso para mostrar a ponta da orelha do verdadeiro autor, que se esconde por trás do médium fascinado. Nenhum espírito superior, encarnado ou desencarnado, ensina verdades espirituais dessa maneira.

Criticando as primeiras palavras da prece: “Pai nosso que estais no céu”, alega o autor que Deus está em toda parte e não em determinado lugar: “está na intimidade profunda de tudo e de todos”. Veja-se a contradição da linguagem. Uma frase grosseira se opõe a outra frase que se apresenta digna de um espírito elevado. Assim confunde os ingênuos. E é precisamente isso o que o autor deseja. Mas na verdade isso mostra apenas o seguinte: que a frase nobre não é do autor desrespeitoso, foi simplesmente tirada de textos estranhos para doirar a pílula do seu grosseirismo.

A palavra “céu” tem um sentido espiritual bem conhecido. Quer dizer plano superior, estado de pureza, consciência limpa e tranqüila. A crítica do autor do folheto revela falta de compreen-

são desse trecho e de toda a prece do Pai Nosso. Ao criticar a expressão altamente significativa: “Seja feita a vossa vontade”, o autor exclama: “Jamais Jesus ensinaria semelhante asneira”. Veja-se a grosseirice da expressão, aliás bem adequada à estreiteza das idéias. O autor não sabe que essa expressão se refere a nós, criaturas humanas, e aos espíritos inferiores do espaço que não fazem a vontade de Deus:

A prece do Pai Nosso foi analisada por Kardec no “Evangelho Segundo o Espiritismo”, frase por frase. No meio espírita ela foi sempre objeto de comentários e explicações em palestras e conferências. É fácil para os estudiosos avaliarem a extensão das necessidades espirituais do autor desse folheto. Mas há muitas pessoas ingênuas que se deixam levar pelo palavreado dos mistificadores. É necessário esclarecermos o assunto, em benefício dessas pessoas.

Da propagação do Cristianismo ao seu desenvolvimento histórico

**“Vim lançar fogo à terra, e que mais quero, se ele já está
aceso?”**

As três revelações – Libertação espiritual progressiva.

O Cristianismo é um processo histórico ainda em desenvolvimento. Os que pensam que a revelação cristã já se completou, esquecem-se das palavras de Jesus, registradas por João: “Tenho ainda muito que vos dizer, mas não o podeis suportar agora; quando vier, porém, aquele Espírito da Verdade, ele vos guiará a toda a verdade.” (16:12-13). Atente-se bem para esse final: “ele vos guiará a toda verdade”, que não é em si mesma uma expressão acabada, mas uma indicação de coisas por acontecer. Guiar a toda a verdade não é oferecer a verdade completa, mas levar progressivamente a ela.

Kardec ensina, no “Evangelho Segundo o Espiritismo”, que o ciclo histórico das revelações cristãs se constitui de três partes: a I Revelação, a de Moisés, que já anunciava outra, pelas profecias; a II Revelação, ou a de Jesus, que também anuncia outra, pela promessa de Consolador ou Espírito da Verdade; e por fim a III Revelação, ou o Espiritismo, que se cumpre em nossos dias, pelo derramamento do Espírito sobre toda a carne, como queria Moisés.

A I Revelação nos trouxe a Lei, mas esta, segundo Paulo, não era mais que o preceptor a conduzir os homens a Cristo. A II Revelação nos trouxe a graça e o amor, no ensino e no exemplo de Jesus. A III Revelação nos trouxe a verdade, e esta vai se revelando aos poucos, no processo do nosso crescimento espiritual. Assim como Cristo não veio destruir a Lei, diz Kardec, também o Espiritismo não veio destruir o ensino cristão, mas dar-lhe execução. “Nada ensina em contrário ao que o Cristo ensinou, mas desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda gente, o que foi dito apenas sob forma alegórica.”

Na I Revelação temos o emprego da força e do temor, para arrancar os homens da idolatria e da submissão às divindades pagãs, que nada mais eram que espíritos inferiores a dominar as criaturas. Na II Revelação temos o emprego da fé e do amor, para libertar o espírito humano do apego aos formalismos da tradição, encaminhando-o à prática da fraternidade. Na III Revelação temos o emprego da verdade, que esclarece a fé através da razão, para que o homem possa amar compreendendo. O homem já não deve temer, nem apenas crer e amar, mas também e sobretudo *saber porque crê e porque ama*.

Com Moisés, o mundo se prepara a fim de receber o Cristianismo, mas ainda envolto nas névoas das formas primitivas de religião, sacrificando animais para a redenção humana. Com Jesus, o Cristianismo ilumina a Terra, mas o seu clarão matinal deixa confuso o espírito humano, que foge da luz, procurando ocultar-se na sombra das velhas formas religiosas. Daí o sincretismo de que nasceram as religiões cristãs, numa intensa mistura de princípios e formas de cultos pagãos aos ensinamentos do Mestre. Com o Espiritismo, a luz do Cristianismo se torna meridiana, iluminando o espírito humano em sua plenitude emocional e racional, levando o homem à adoração de Deus em espírito e verdade, como ensinara Jesus à mulher samaritana.

Vemos, porém, que os adeptos da I Revelação não aceitaram a II e procuraram combatê-la por todas as formas. O mesmo acontece no aparecimento da III Revelação, que é também combatida pelos adeptos da II. Se os rabinos judeus não admitiram a legitimidade do Messias, os sacerdotes cristãos não admitem a legitimidade do Consolador. Porque o espírito humano é apegado a sistemas, a formas de interpretação e de culto, à letra que mata, segundo ensinava Paulo, temendo o espírito que vivifica. Não se deve, pois, estranhar as campanhas hoje movidas contra o Espiritismo, e muito menos a incompreensão dos próprios cristãos para com os nossos princípios.

Jesus anunciou, segundo vemos em Lucas, 12:49: “Vim lançar fogo à terra, e que mais quero, se ele já está aceso?” O Cristianismo é comparado a um incêndio, que lava no mundo. Ora, o incêndio ilumina, mas também queima. Quando o grande

incêndio cristão, atravessando os milênios, atinge no Espiritismo a sua fase decisiva, não é de estranhar que ele provoque sustos e protestos. É natural que assim seja. E não há razão para nos aborrecermos com os que nos atacam e censuram. Se confiamos na solidez dos nossos princípios, que mal faz que os outros a experimentem? O Espiritismo não é sustentado por nenhuma organização material, nem difundido por qualquer sistema artificial de propaganda. Ele é como um fogo, que se propaga por si mesmo, através da espontânea dedicação dos seus adeptos. Assim foi o Cristianismo dos primeiros tempos, e assim é o Espiritismo, esta Renascença Cristã, segundo a expressão de Emmanuel. Esperemos tranquilos e confiantes, como souberam esperar os grandes pioneiros da nossa fé.

Como eram encarados por Jesus os doentes do corpo e da alma

**Atitude cristã perante os divisionismos da antiguidade
– O exemplo do apóstolo Paulo
– Intervenção do Céu para livrar Pedro do sectarismo.**

Há certas formas de esclarecimento que agem no sentido contrário às da intenção. Em geral, são assim as tentativas de esclarecimento contra o Espiritismo. Ainda agora nos deparamos com uma delas, que em vez de esclarecer o que pretende, esclarece outras coisas. Esclarece, por exemplo, que o Espiritismo se assemelha muito mais ao verdadeiro Cristianismo, do que as posições assumidas por aqueles que o condenam. As atitudes espíritas se enquadram melhor nos princípios evangélicos e no espírito geral do ensino de Cristo.

O exemplo, que neste caso é dado pelos adversários da doutrina, merece apreciação. Para justificar proibições religiosas de leitura de obras espíritas, alega um articulista que as pessoas sadias devem afastar-se do contato das pessoas doentes. Entende, por isso, que os espíritas podem ler de tudo, “pois nada têm a perder”, nem mesmo a saúde da alma. E acrescenta, como faziam os fariseus ao censurarem Jesus de sentar-se à mesa com publicanos e pecadores: “Não são os leprosos que devem cuidar-se para não se tornarem leprosos, não são os tuberculosos que devem cuidar-se para não se tornarem tuberculosos, mas as pessoas que têm saúde.”

Examinando estes argumentos à luz dos princípios evangélicos, verificamos que estão carregados de poderosa herança anticristã. E que revelam grande carência de compreensão humana, daquele espírito de caridade ensinado incessantemente por Jesus. Porque a atitude de Jesus em face dos leprosos do seu tempo, ou mesmo dos hereges, como vemos na sua maneira de tratar os samaritanos, não era essa. Pelo contrário. No tempo de Jesus, os leprosos viviam isolados da comunidade, afastados de todo o convívio humano, e eram cuidadosamente evitados pelas

peças sadias. Em certos lugares, usavam uma espécie de matraca; em outros, guizos; e em outros, eram obrigados a gritar, quando entravam numa estrada, para que as pessoas sãs passassem de largo. Jesus ensinou e exemplificou o contrário, escandalizando os fariseus. Mas com isso conseguiu duas coisas extraordinárias: curou os leprosos e curou a doença terrível do egoísmo e da pretensão sectária, em muitos fariseus.

No tempo de Jesus, um judeu não podia aproximar-se de pessoas consideradas impuras, falar com elas, e muito menos hospedar-se em suas casas. Jesus, entretanto, ensinou e mostrou, pelo exemplo, que as pessoas mais impuras estão às vezes mais próximas de Deus do que os doutores da lei. A intolerância agressiva dos fariseus foi superada pelo ensino de Jesus, que é universalista, profundamente humano, contrário aos divisionismos sectários que constituem amarga negação do princípio do amor. Em todo o Evangelho, vemos Jesus insistir no tema do amor ao próximo, que Ele chega a considerar semelhante ao amor a Deus.

O apóstolo Paulo, antes do seu encontro com Jesus na estrada de Damasco, “respirava ameaças e mortes”, como diz o Livro de Atos, e assolava com perseguições terríveis os hereges cristãos, ou seja, os cristãos primitivos, que ele considerava hereges. Mas depois que se converteu ao Cristianismo, passou a ensinar que: “Não há diferença entre judeu e grego, pois um mesmo é o Senhor de todos, rico para com todos que o invocam.” (Romanos, 10:12.) E condenando os excessos da lei mosaica, o sectarismo arrogante dos judeus, que se julgavam únicos filhos de Deus, que diziam estar a verdade e a palavra de Deus unicamente com eles, não proibia a leitura dos textos contrários a esse novo ensino. Antes os recomendava, com estas sábias palavras: “Não extingais o espírito, não desprezeis as escrituras. Examinai tudo, retende o que é bom.” (Tessalonicenses, 5:19-21.)

O cristão, portanto, não se fecha em sua religião, fugindo aos outros, evitando-os e afugentando-os da estrada, com medo de contaminar-se. Essa não foi a lição de Cristo. Essa não foi, também, a lição de Paulo e dos apóstolos. Quando o apóstolo Pedro, em Jope, apegado ainda aos formalismos judaicos e à

intolerância do povo eleito, poderia recusar-se a atender o apelo de Cornélio, que era um centurião romano, um impuro, o próprio Céu se manifesta para corrigi-lo, para retirá-lo do sectarismo judeu e devolvê-lo à fraternidade cristã. Esse belo episódio do Livro de Atos, relatado no cap. 10, é uma página de luz contra o sectarismo antigo e o moderno. Um anjo manda Cornélio procurar Pedro, mas o apóstolo podia recusar-se a atendê-lo. Então, enquanto os enviados de Cornélio dirigem-se a Jope, Pedro tem uma visão, na qual uma voz lhe ensina que o conceito judeu de pureza estava errado.

Graças a essa visão, o apóstolo Pedro recebe os enviados, atende ao apelo do impuro, do herege, do demoníaco, do leproso ou coisa semelhante. Vai à casa de Cornélio, e lá chegando reúne-se com os impuros e lhes declara: “Vós bem sabeis que não é lícito a um varão judeu ajuntar-se ou chegar-se a estrangeiros, mas Deus mostrou-me que a nenhum homem devo chamar impuro.” Logo mais, acentua o apóstolo, nesse mesmo capítulo: “Reconheço, em verdade, que Deus não faz acepção de pessoas, mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, obra o que é justo.”

Temos, aliás, neste capítulo do Livro de Atos, um dos mais belos episódios espíritas do Novo Testamento. Porque os estrangeiros recebem o Espírito, como então se dizia, e passam “a falar línguas e louvar a Deus”. Pedro, vendo que os Espíritos do Senhor, como dizemos hoje, manifestavam-se através dos impuros, da mesma maneira que através dos circuncidados judeus ou dos batizados cristãos, ficou maravilhado. No cap. 11 vemos Pedro ser chamado às ordens pelos cristãos que estavam em Jerusalém, ainda apegados ao sectarismo judeu, e explicar-lhes: “Lembrei-me então das palavras do Senhor, quando disse: “João certamente batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo.” Como se vê, não foi sem razão que o apóstolo Paulo falou da letra que mata e do espírito que vivifica. Não basta tornar-se alguém um especialista na letra, é preciso que procure, com humildade, sem pretensões sectárias, a compreensão espiritual.

“Vai para os meus irmãos e dize-lhes que eu subo para o Meu e Nosso Pai”

Posição dos espíritas no tocante à divindade de Jesus – Elevação espiritual de Maria.

Os espíritas são, em geral, acusados de não aceitarem a divindade de Jesus, não considerarem Maria com o devido respeito e não admitirem a sua elevada posição na hierarquia espiritual. De vez em quando, leitores pertencentes a outras religiões, mas que nos honram com a sua atenção, escrevem-nos a propósito. Procuraremos dar, nesta crônica, uma resposta geral às perguntas que nos são formuladas, advertindo que não temos a intenção de ferir suscetibilidades ou melindrar as crenças alheias. Nossa intenção é apenas a de esclarecer a posição espírita, que os leitores poderão aproveitar ou reprovar, de acordo com o critério próprio de cada um. Não tentamos proselitismo. Queremos apenas responder com clareza.

O problema da divindade de Jesus implica posições diversas, decorrentes do sentido que atribuímos à palavra “divindade”. Os católicos e os protestantes, ao se referirem à divindade de Jesus, atribuem-lhe natureza divina no sentido de participação na própria essência da Divindade. Jesus é divino porque é Deus, porque participa do mistério da Divindade. Ele mesmo é Deus. Os espíritas negam essa interpretação da divindade de Jesus, mas não a sua natureza divina. Para o Espiritismo, Jesus não é Deus, não participa do mistério da Pessoa Única, mas nem por isso deixa de ser divino.

Os espíritas rejeitam, portanto, o dogma da Trindade e o mistério da participação da pessoa de Jesus na Suprema Pessoa. Segundo o Espiritismo, Deus é Uno. Dele procedem todas as coisas. Jesus é Seu filho, como todos nós o somos. Nesse ponto, estamos em pé de igualdade com Jesus, somos irmãos do Divino Mestre. Mas enquanto somos humanos, Jesus é divino. E o é, porque está muito acima de nós, no tocante à realização espiritual. Ele é, pois, o nosso Irmão Maior, que já conseguiu depurar-se

das imperfeições humanas, atingindo a divindade do espírito, que o liga a Deus, como um filho dileto ao Pai amoroso. Jesus é para a Terra como o Demiurgo de Platão. É a suprema autoridade espiritual do nosso planeta. Deve ser adorado em espírito e verdade, pelos que compreendem a sua divindade, mas não pode ser confundido com Deus, que é “a inteligência suprema e causa primeira de todas as coisas”. Jesus é o preposto de Deus na Terra. Mas o Universo é infinito e Deus é o supremo arquiteto e o supremo regente de todos os mundos. Os espíritas se recusam a confundir o salvador planetário com a Inteligência Infinita.

Essa posição espírita encontra apoio nas próprias palavras de Jesus. Na ressurreição, Ele disse a Maria Madalena: “Vai para meus irmãos, e dize-lhes que eu subo para meu Pai e vosso Pai”, como vemos em João, 20:17, confirmado por Mateus, 28:10, onde se repete a expressão “meus irmãos”. Também Paulo, cujas palavras serviram para tantas contradições teológicas, lembra em Hebreus, 6:20, que Jesus é “nosso precursor”, e em Romanos, 8:17, que somos filhos de Deus e portanto Seus herdeiros, acrescentando: “e co-herdeiros de Cristo”. Somos, pois, filhos de Deus e co-herdeiros de nosso Irmão Maior, que é Jesus, na herança de Deus.

No tocante a Maria, o Espiritismo a respeita como Espírito da mais alta evolução, “vaso escolhido” para servir de veículo à encarnação do Senhor. O que os espíritas não admitem é que se chame a Divina Mãe de Jesus de Mãe de Deus, por considerarem isso um absurdo. Como pode uma criatura ser mãe do Criador? Mãe de Jesus, sim; mas de Deus, não. E com isso os espíritas não faltam com o respeito à Mãe de Jesus. Apenas evitam cometer o que consideram um erro, que de maneira alguma seria grato ao próprio e puríssimo Espírito de Maria de Nazaré.

A posição espírita, portanto, só pode ser considerada irreverente ou pecaminosa dentro de um ponto de vista dogmático, num julgamento sectário. Essa posição, aliás, coincide com a de cristão dos primeiros tempos, bem como e com a de figuras esplendentes do Cristianismo entre os séculos III e V, quando se forjava pela força a unidade da igreja, com a supressão violenta das heresias. O que então foi considerado herege, ainda hoje o é.

Mas estamos vivendo em novos tempos, e o que hoje prevalece não é mais o princípio de autoridade, e sim o de razão. Os espíritas defendem a sua posição com argumentos racionais, e não através de princípios fideístas. Jesus é para o Espiritismo o supremo guia e modelo da humanidade, como vemos em “O Livro dos Espíritos”, pergunta 625. Mas não é Deus, porque Deus, como vemos na pergunta primeira do mesmo livro, é “a inteligência suprema, causa primeira de todas as coisas”, irreduzível ao processo efêmero, finito e obscuro da encarnação humana.

Os Espíritas e a Bíblia

Os espíritas não consideram a Bíblia como “a palavra de Deus”, mas como o marco zero da Civilização Cristã que ainda se encontra em fase de desenvolvimento na Terra. A Bíblia representa a Codificação da I Revelação do ciclo das revelações cristãs. Depois dela vem O Evangelho, que é a Codificação da II Revelação, feita pelo próprio Cristo. E depois do Evangelho temos O Livro dos Espíritos, seguido dos demais livros da Codificação Espírita.

Na Bíblia, que é o Velho Testamento, codificação dos livros sagrados do Judaísmo, feita sob a orientação de Esdras após o exílio da Babilônia, encontramos a revelação do plano de Deus para a Humanidade Terrena. Como parte central desse plano vemos o anúncio do Messias, que os judeus esperaram mas não foram capazes de reconhecer quando ele chegou. No Evangelho, codificação dos ensinamentos de Jesus pelos apóstolos e evangelistas, encontramos o anúncio do Espírito da Verdade – aquele que restabeleceria a verdade cristã na Terra e prepararia o nosso planeta para o milênio de luz, ou seja, para o início de uma nova era em que o Reino de Deus vingaria entre os homens. No Espiritismo temos as vozes do além instaurando o Reino nos corações e nas consciências esclarecidas.

Cada um desses livros compõem-se, na verdade, de muitos livros. E cada uma dessas coleções, de livros corresponde a uma fase do longo e doloroso processo da ascensão dos homens para a divindade. Nem a Bíblia, nem os Evangelhos, nem a Codificação Espírita são desprezíveis e nenhum desses códigos pode ser depreciado em seu valor histórico, profético e divino por aqueles que realmente compreendem a grandeza do Plano de Deus. Não é possível opor o Evangelho à Bíblia ou opor o Espiritismo ao Cristianismo, a menos que encaremos a obra de Deus através das lentes deformantes do sectarismo religioso.

A palavra de Deus, expressão simbólica, não se restringe a nenhum desses conjuntos de livros em particular, mas impregna todos eles. Quando aprendemos a lê-los segundo o espírito que

vivifica, e não segundo a letra que mata – como advertiu o apóstolo Paulo – percebemos a harmoniosa seqüência que eles representam, no desenvolvimento do Plano de Deus na Terra. Todos eles foram escritos sob a inspiração dos poderes superiores do Céu, cada qual destinado a uma época, a um tipo de civilização, a um grau específico de evolução espiritual alcançado pelos homens. A palavra de Deus perpassa por todas essas páginas como um fogo entre as sarças. Nas velhas páginas da Bíblia ela arde e queima como o fogo do Sinai, lutando para destruir a ignorância humana. Nas páginas estelares do Evangelho ela brilha como as estrelas, indicando aos homens o roteiro do Infinito. Nas páginas mediúnicas da Codificação Espírita a palavra de Deus irradia-se na Terra como as luminárias noturnas, que permitem a leitura compreensiva dos textos anteriores e afugentam as trevas da superstição, do misticismo fanático, do sectarismo cego.

Emmanuel comparou, numa de suas mensagens, a Bíblia com o esforço desesperado dos homens clamando aos céus por socorro e o Evangelho como a resposta do Céu aos homens. Mas a Codificação Espírita, como assinalou Kardec, é a chave que nos permite compreender essa resposta na plenitude do seu significado espiritual. Sem a chave do Espiritismo, a Bíblia e o Evangelho dão motivos a muitas incompreensões e separatismos. Foi por isso que as guerras religiosas ensangüentaram os caminhos terrenos do Cristianismo e as fogueiras fratricidas transformaram em negra fumaça os divinos preceitos evangélicos. É ainda por isso que os cristãos se matam em nome de Deus na própria Europa dos nossos dias, incapazes de perceber o crime hediondo que praticam.

De lado a lado os cristãos formalistas, apegados às suas interpretações particulares das escrituras, dizem-se apoiados na palavra de Deus para praticarem de novo o crime de Caim. Falta-lhes a chave de luz do Espiritismo, que lhes daria, acima das trincheiras arrogantes do sectarismo, a visão global da Revelação Cristã – que é a revelação da paternidade universal de Deus, da fraternidade universal dos homens e da imortalidade universal das almas. Sem compreendermos essa trilogia divina, que o

Evangelho nos oferece em suas páginas e a Codificação Espírita esclarece em definitivo, à luz da razão e da fé, jamais seremos cristãos e jamais saberemos definir a palavra salvação.

Desenvolvimento do fenômeno cristão no sentido da libertação espiritual

Estagnações de espírito e atividades renovadoras **– A luta contra a inércia espiritual** **– A Promessa do Consolador**

As convenções sociais possuem aquele poder da segunda natureza, a que se referia Aristóteles. Dominados desde a infância pela força das convenções, os homens acabam por adaptar-se a elas com inteira submissão. A inércia, lei da matéria, que modernamente se transferiu para a energia, funciona também no plano do espírito. Habitados a determinadas fórmulas, os homens não encontram jeito de viver sem elas. Só os grandes vendavais biológicos e sociais, através da dor e da morte, das convulsões e transformações da sociedade, conseguem desalojar os indivíduos e as massas da estagnação rotineira.

Em todos os campos das atividades humanas, o apego às convenções impede o progresso, o arejamento das consciências. Mas em nenhum deles esse apego é tão forte, tão poderoso, como na religião. A história nos mostra a luta dos grandes reformadores contra a inércia do espírito nas religiões do passado: Hermes enfrentando as tradições milenárias da Índia, Buda revolucionando o Bramanismo, Jesus reformando o Judaísmo. No tocante a Jesus, o processo de reforma, de transformação profunda, prossegue ainda aos nossos olhos. Basta um ligeiro confronto do Sermão da Montanha com a chamada civilização cristã, ou com os próprios cristãos, como o fez Gandhi, para vermos que, depois de dois mil anos, o Cristianismo ainda luta com o “fermento dos fariseus”, a que o Mestre aludia no seu tempo.

Função do Espiritismo é prosseguir a revolução cristã. O fenômeno cristão atinge no Espiritismo uma nova fase. E é por isso que o movimento espírita representa um poderoso impulso contra o formalismo religioso, contra as convenções, as fórmulas da inércia espiritual. Cumprimento histórico da Promessa do Consolador, feita no Evangelho de João, o Espiritismo restabele-

ce a essência do Cristianismo, ressuscita o ensino do Mestre em espírito e verdade, como o próprio Mestre ressuscitou em espírito. Não admira, pois, que haja espíritas ainda apegados a fórmulas sacramentais e litúrgicas. São criaturas que não compreenderam a doutrina, e embora levados na correnteza da evolução, querem apegar-se aos hábitos ancestrais. Mais hoje, mais amanhã, compreenderão o seu engano, pois o Espiritismo as trabalha dia a dia as suas consciências, e acabará despertando-as para a lição da água viva da mulher samaritana.

No primeiro capítulo de “Ave Cristo!”, de Emmanuel, psicografado por Chico Xavier, encontramos uma exposição da luta do Cristianismo contra a inércia espiritual do mundo romano. Este pequeno trecho dará uma idéia clara do que então se passava, e nos lembrará algumas semelhanças com a situação atual, enfrentada pelo Espiritismo: “Adensou-se o nevoeiro da estagnação e da morte entre as criaturas. As águias imperiais assentaram, na cega idolatria de Júpiter, a mentirosa religião da vaidade e do poder. E enquanto os deuses de pedra absorvem os favores da fortuna, alonga-se a miséria e a ignorância do povo, reclamando o pronunciamento do céu. Como se expressará, porém, a intervenção divina, sem a cooperação humana?”

Vemos nesse trecho o fenômeno da estagnação, pelo domínio da inércia, e a necessidade de elementos humanos que se disponham a rompê-la. O céu não se pronuncia entre os homens senão por meio dos homens. As revelações são feitas através de médiuns. A cooperação humana é portanto indispensável, para que os homens se libertem da estagnação espiritual, produzida pela inércia.

Kardec e os pioneiros heróicos do Espiritismo repetiram, em meados do século passado, a epopéia apostólica, sacudindo a inércia dos povos com as renovadas lições do Evangelho. E agora, neste exato momento em que nos encontramos, os espíritas precisam ouvir a advertência de Emmanuel, no prefácio do livro a que acima nos referimos: “O Espiritismo, que atualmente revive o apostolado redentor do Evangelho, em suas tarefas de reconstrução, clama por almas valorosas no sacrifício de si mesmas, para estender-se vitorioso.”

Uma visão geral do processo de desenvolvimento do Cristianismo

Nascimento na Palestina e propagação no mundo romano – Indicações dos textos sagrados – A “reta final” ou fase decisiva, em que nos encontramos no mundo de hoje.

Não é fácil compreender-se o sentido de um processo social, quando o encaramos numa das fases do seu desenvolvimento, com abstração das outras. Mais difícil ainda se torna essa compreensão, quando nos achamos diretamente ligados ao processo ou quando o achamos diretamente ligados ao processo ou quando o encaramos através de preconceitos longamente alimentados em nossa mente. É por isso que o Cristianismo, um dos mais amplos e complicados processos sociais do nosso mundo, não foi até hoje compreendido, na sua verdadeira significação, pela maioria dos cristãos.

O Espiritismo, surgindo na Terra em meados do século passado, veio oferecer aos homens uma oportunidade única e um meio inteiramente novo para o estudo e a compreensão do Cristianismo. Embora seja ele, por sua vez, uma das fases do desenvolvimento do processo cristão, trata-se de uma fase especial, que por sua própria natureza faculta aos homens uma visão geral do processo. Aquilo que não era possível em meio do caminho, nas fases anteriores, torna-se não somente possível, mas até mesmo obrigatório, nessa reta final a que podemos chamar “a era espírita”.

Em geral, não podemos perceber de maneira clara o sentido da nossa civilização. Quando tratamos, porém, de civilizações passadas, como a babilônica, a egípcia, a grega ou a greco-romano e a medieval, nossa tarefa é muito mais fácil, porque podemos encará-las de maneira global. No tocante ao desenvolvimento do Cristianismo, o Espiritismo nos coloca nessa posição favorável, exatamente por representar a fase final do processo, da qual podemos olhar sem dificuldades as fases anteriores,

obtendo assim a visão global indispensável à sua verdadeira compreensão.

Poderão perguntar-nos como podemos saber que o Espiritismo representa a fase final de um processo que ainda se encontra em desenvolvimento. Responderemos com as indicações históricas, sociais, doutrinárias, e até mesmo com as indicações dos textos cristãos, desde o Velho Testamento até o Novo e as Epístolas dos Apóstolos. Podemos ainda completar essa série de indicações com as comunicações dos Espíritos, dadas a respeito, desde o tempo de Kardec até hoje, em todas as partes, do mundo. A história nos mostra o processo de desenvolvimento do Cristianismo através dos séculos, apresentando-nos elementos comparativos para a sua compreensão, e as leis sociológicas nos auxiliam nesse mesmo sentido. Quanto aos textos e às mensagens mediúnicas, são de clareza meridiana.

O Cristianismo surgiu como uma daquelas várias “religiões orientais” que invadiram o Império Romano na sua fase de declínio. Propagou-se naturalmente entre o povo, infiltrou-se na estrutura combalida do Império e, como afirma Victor Hugo, minou-o e aniquilou-o, para construir no mundo um novo tipo de civilização. Nos três primeiros séculos de sua propagação, o Cristianismo revestia-se da pureza original com que havia sido enunciado pelo Cristo. Na proporção, porém, em que foi se infiltrando no mundo pagão, teve de absorver elementos desse mundo, que acabaram por desfigurá-lo. Transformou-se, assim, numa religião formada por contribuições do Judaísmo, do Paganismo e dos princípios cristãos adaptados àqueles elementos. Hoje, é muito fácil separar esses três elementos, mas nas fases anteriores isso era impossível.

Sociologicamente, temos hoje, em nossa Terra, e portanto diante dos nossos olhos, um exemplo vivo da maneira por que se deu essa longa elaboração. Nossos sociólogos vêm estudando, desde Nina Rodrigues e Artur Ramos, o sincretismo religioso afro-brasileiro, em que as crenças animistas dos negros escravos se misturaram à fé e ao culto dos brancos, dando em resultado uma nova religião, a Umbanda. Nessa religião nascente, as contribuições dos negros, dos brancos e dos índios podem ser

nitidamente assinaladas. Se não estivéssemos, porém, numa época de grande desenvolvimento cultural, nada disso seria assinalado, e daqui a alguns séculos seria impossível o exame dos elementos que formaram a nova religião. Somente mais tarde, com o desenvolvimento da cultura, isso se tornaria viável.

No tocante aos textos cristãos, os profetas bíblicos já anunciavam o advento do Cristianismo e a sua finalidade, e o próprio Pentateuco está cheio de passagens que o prenunciam. Passagens como a de “Números”, 11, 26 a 29, referente à descida do espírito sobre Eldad e Medad, prenunciam até mesmo a fase espírita do processo cristão. E no Novo Testamento encontramos declarações formais de Jesus, como no episódio da mulher samaritana, sobre o tempo em que Deus seria adorado “em espírito e verdade”, bem como a promessa incisiva do Consolador ou Espírito da Verdade, incumbido de restabelecer e ampliar os ensinamentos primitivos. O Espiritismo, como se vê, nos permite analisar e compreender o processo de desenvolvimento do Cristianismo em toda a sua extensão e profundidade.

Brasil – o primeiro país a traduzir os 12 volumes da “Revista Espírita”

Faltava uma dúzia de livros da Codificação no país mais espírita

**do mundo – A teoria dos agêneres só existe na “Revista”
– As pesquisas de Kardec minuciosamente relatadas.**

Nada prova melhor a asserção de que o Espiritismo avança “apesar dos homens” do que este aparecimento tardio da “*Revista Espírita*” no Brasil. Obra fundamental, escrita página a página pelo Codificador, os doze volumes dormiram longos anos nas estantes de uns poucos estudiosos. Muitos problemas discutidos na imprensa, nas reuniões de estudos, nos congressos, lá estavam resolvidos. Mas, os espíritas ignoravam isso e ainda hoje continuam ignorando. Chegou-se mesmo a afirmar que os cinco livros do chamado “Pentateuco Kardeciano” eram o único repositório dos ensinamentos do Espírito da Verdade. Mas, a verdade era outra e a prova está hoje nas mãos de todos os que se interessaram por ela.

No capítulo terceiro da primeira parte de “O Livro dos Médiuns”, Kardec declara: “Aos que quiserem adquirir os conhecimentos preliminares (da doutrina), pela leitura dos nossos livros, aconselhamos a seguinte ordem: 1) *O que é o Espiritismo*, 2) *O Livro dos Espíritos*, 3) *O Livro dos Médiuns*, 4) *A Revista Espírita*.” Ainda não haviam aparecido *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*, mas a *Revista Espírita* já era recomendada como indispensável. E a verdade é que esses livros iam sair das suas páginas. A *Revista* era a fonte em que borbulhavam as águas da III Revelação.

Os Agêneres

Kardec trata rapidamente do problema dos agêneres no capítulo sétimo da segunda parte de *O Livro dos Médiuns*. Muitos confrades reclamam maiores esclarecimentos a respeito. Poucos sabem que o Codificador declarou, no final daquele capítulo: “Restaria falarmos do estranho fenômeno dos agêneres, que, por

mais sobrenatural que possa parecer à primeira vista, não o é mais do que os outros. Mas, como já o explicamos na *Revista Espírita* (fevereiro de 1859) achamos inútil reproduzir aqui os detalhes...”

A teoria dos agêneres, desses espíritos que aparecem de maneira visível e tangível, espontaneamente, em plena rua, numa casa, num escritório, numa festa, dando plena impressão de tratar-se de uma pessoa viva, essa teoria se encontra na *Revista Espírita*. Mas não é só. Os casos de comunicação de espíritos de vivos; a maneira científica e minuciosa pela qual Kardec pesquisou as condições do espírito fora do corpo; as suas evocações para estudo; o problema em si das evocações, ainda tão mal conhecido dos espíritas; o problema complexo da escrita direta e da voz direta; o mecanismo das relações fluídicas entre o espírito comunicante e o médium e mais uma infinidade de questões são esclarecidas nas páginas da *Revista Espírita*.

Indicações de Kardec

Aliás, todo estudioso da Codificação sabe que Kardec indica, freqüentemente, nos seus livros, a consulta à *Revista Espírita*. Problemas que não podiam ser esclarecidos amplamente nos livros, que deviam sujeitar-se a limites de espaço, estão expostos com todas as minúcias na *Revista*. Impossível, pois, absolutamente impossível, um conhecimento aprofundado do Espiritismo sem a consulta a essa obra. E dizer que somente agora ela aparece em português e que a maioria dos confrades ainda pergunta se haverá necessidade de lê-la!

Em “Obras Póstumas”, Kardec relata as dificuldades que teve para lançar a *Revista Espírita*. Sem dinheiro, absorvido inteiramente por dois empregos de que necessitava para viver, pedira auxílio a um amigo. Mas o amigo mostrou-se desinteressado. Os Espíritos lhe dizem que enfrente sozinho a tarefa. Ele arrisca e consegue manter a *Revista* durante onze anos e três meses, redigindo-a sozinho, sem faltar um só número. Pontualidade absoluta. A desencarnação o surpreendeu quando o quarto número já estava nas oficinas para ser impresso. Assim, até mesmo

depois do seu passamento, ainda os leitores receberam mais um número elaborado inteiramente por ele.

A coleção publicada em nosso país abrange todo esse volumoso trabalho e mais dois meses, pois os números de maio e junho de 1869, embora não redigidos por Kardec, trazem o noticiário do seu passamento, do sepultamento do corpo, da construção do seu túmulo, hoje pertencente ao Patrimônio Histórico da França, as decisões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas para a continuação do movimento doutrinário e as primeiras comunicações do Espírito. Além disso, a coleção inclui as comunicações de Kardec recebidas mais tarde e publicadas em outros números da *Revista*.

Laboratório Espírita

Os relatórios das sessões da Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, sob a direção de Kardec, orientadas pelo Espírito de São Luís, mostram-nos o critério científico dos trabalhos. A publicação por extenso dos diálogos de Kardec com os espíritos comunicantes revela que a sala de sessões era um verdadeiro laboratório espírita, em que os instrumentos de pesquisa não eram mecânicos, mas mediúnicos. O interrogatório dos espíritos seguia um método científico, pacientemente elaborado e habilmente aplicado. Mas a ciência espírita não é materialista, e por isso vemos também os elementos da religião, como o recolhimento, a prece e a fé, servindo de ingredientes do processo científico.

O problema das curas mediúnicas foi amplamente estudado por médicos espíritas. Há o caso da srta. Desiré Godu, médium curadora, observado pelo médico Mohrery, em sua clínica. Esse médico enviava seus relatórios a Kardec, que os estudava, analisava e os submetia à apreciação dos Espíritos Protetores dos trabalhos. Os problemas do magnetismo animal e do magnetismo espiritual, as primeiras aceitações do magnetismo pelas ciências oficiais, na forma de hipnotismo, todas essas questões e outras muitas fazem dos volumes da *Revista Espírita* verdadeiros repositórios de estudos valiosos, que não podemos ignorar. As pesquisas atuais da Parapsicologia ficam muito aquém das

pesquisas profundas e amplas que a *Revista* nos apresenta, oferecendo uma base sólida e inabalável ao Espiritismo.

Acervo Literário

Mas, além de tudo isso há ainda o acervo literário da *Revista*, constituído por novelas, contos, apólogos, poesias, discussões filosóficas, exposição de teses artísticas, psicológicas, sociológicas, biológicas, astronômicas, geológicas e assim por diante. Quantas afirmações feitas há mais de um século e que hoje estão sendo confirmadas! E que admirável bom senso a presidir todo esse gigantesco trabalho, a seleção desse material imenso!

Os artigos de fundo da *Revista*, as refutações a críticas científicas, filosóficas ou religiosas, o método rigoroso de Kardec no trato com os adversários, só respondendo às críticas que tivessem alguma coisa de sério, mesmo que errado, e jamais às simples diatribes de ataques pessoais, injuriosas e apaixonadas. O que interessava era defender a Doutrina e esclarecer os que a ignoravam. Quantos exemplos de paciência, de tolerância, de amor ao próximo, de caridade!

Brasil: o primeiro

Apesar do nosso atraso na publicação da *Revista Espírita*, a verdade é que estamos na frente de todos os demais países, com excessão naturalmente da França. A primeira língua estrangeira que se enriquece com a tradução dessa obra gigantesca é a nossa, o que prova mais uma vez a vocação espírita do Brasil. Ainda recentemente, quando nos visitou, Humberto Mariotti, vice-presidente da Confederação Espírita Panamericana, trouxe a incumbência de estudar em nosso país a possibilidade do lançamento da *Revista* em castelhano.

Neste ano se comemora, além do Centenário de “A Gênese”, o 110º aniversário da *Revista Espírita*. Nós, os brasileiros, somos o único povo do mundo, fora o francês, que pode ler essa obra gigantesca e maravilhosa em sua própria língua. Por isso, e por muito mais do que isso, – por tratar-se de uma obra que completa a Codificação, que nela se entrosa e que a ela realmente pertencem.

ce, segundo as próprias indicações de Kardec, – precisamos levar este fato histórico da sua publicação no Brasil ao conhecimento de todos os espíritas. E precisamos também acentuar que esta publicação, devidamente considerada, ampliará de muito os nossos conhecimentos doutrinários e enriquecerá a cultura brasileira. Para os espíritas conscientes da importância da Doutrina esta obra de Kardec, que é principalmente dos Espíritos, representará em nossa Terra a consolidação cultural do Espiritismo.

Mortes súbitas

As mortes súbitas representam duro golpe para os amigos e familiares do falecido. Mas servem também de advertência. Se é bem verdade que devemos viver a vida com alegria e boa disposição, mesmo sob os golpes de provas e dificuldades, nem por isso devemos nos esquecer de que não somos do mundo. Sim, a verdade final é que não pertencemos ao mundo terreno, material. Passamos rapidamente por aqui e seguimos o nosso caminho espiritual. A morte, segundo dizia o filósofo alemão Martin Heidegger, é o momento em que o ser se completa. No Espiritismo não é o ser, mas a existência que se completa com a morte.

Cada vida terrena, cada existência do homem na Terra é um processo que se inicia no berço e se encerra no túmulo. Bem o dizem as Filosofias da Existência: o homem é um *projeto*. Uns chegam rápido ao alvo através da morte súbita, outros o atingem mais lentamente, mas todos terão de alcançá-lo, mais hoje, mais amanhã. Inútil, pois, nos assustarmos ou aturdirmos com o fenômeno da morte, que não é mais do que um fenômeno biológico. Tudo o que vive, morre. Tudo e não apenas o homem.

Alguns acreditam que a morte súbita é perigosa. Kardec morreu assim, em pleno trabalho. Quando a criatura viveu bem a morte súbita é boa, é uma libertação imediata do espírito. Quando a criatura não soube viver a morte é sempre difícil, representa uma crise na vida do espírito. E viver bem, no caso é cumprir os deveres que cabem ao homem na Terra, não se apegar às coisas materiais, como ensina o Evangelho. Viver bem, dizia o místico indiano Ramakrishna, é viver como a ama de leite na casa do patrão. Viver sabendo que a casa e as pessoas não nos pertencem.

Só o Espiritismo, até hoje, entre todas as doutrinas filosóficas, religiosas e científicas, pesquisou objetivamente o fenômeno da morte e pode esclarecê-lo. Muitas pessoas não acreditam nisso. Acham que os espíritas são uns lunáticos, o que agora até não é mau, pois a lua também está prestes a ser conquistada. Essas pessoas não conhecem a doutrina e não sabem que ela se

baseia em pesquisas científicas das mais rigorosas. Os que quiserem saber o que é a morte, como ela se processa e o que ela representa para o homem não têm outro caminho a seguir senão estudar o Espiritismo. E isso não custa muito, pois o Espiritismo nem sequer exige que os que o estudam se tornem espíritas.

Dialogando com os mortos

Conversar com os mortos é praticar a Necromancia. É incidir na condenação bíblica dessa arte satânica. É praticar uma heresia e incorrer nas penas divinas. O espírita é um necromante, um feiticeiro, um indivíduo que regride ao passado assírio, egípcio, greco-romano, à era do paganismo. O espírita, necromante confesso, é pagão, está ainda no tempo em que o Cristianismo não aparecera na Terra.

Esse é o raciocínio de vários cristãos que nos escrevem, católicos, protestantes, evangélicos. Muitos deles são piedosamente cristãos e querem salvar-nos do fogo do inferno. Ainda bem que não estamos mais no tempo da Inquisição e eles não podem salvar-nos do fogo eterno, queimando-nos caridosamente numa fogueira em praça pública.

Mas essa boa gente não é culpada de pensar assim. Desde que o Espiritismo apareceu, em meados do século passado, até hoje, sacerdotes e pastores, bispos, cardeais, arcebispos, missionários e santos confessores, cheios de piedade e fé, vêm pregando nesse tom aos seus rebanhos. As inocentes ovelhinhas aprendem, aterrorizadas, que os lobos de Satanás rondam o redil das igrejas com suas artimanhas. E como em geral não sabem o que é Necromancia, imaginam coisas terríficas a respeito do significado dessa estranha palavra.

Para aumentar o pânico, certos dicionários dizem que Necromancia é Espiritismo. O próprio Grande Dicionário Etimológico e Prosódico da Língua Portuguesa, do ilustre Prof. Silveira Bueno, comete esse engano. Diante de tantos pronunciamentos de personalidades ilustres, de autoridades eclesiásticas e universitárias, o que pode fazer uma ovelhinha inocente, senão tremer e balir até a hora da tosquia?

Necromancia é um ramo da magia antiga, das chamadas artes mágicas da Antiguidade. Através de ritos especiais, de práticas mágicas primitivas, os feiticeiros de antanho obrigavam os mortos a subirem da terra – ou seja, a saírem dos túmulos, como se vê no episódio bíblico da Pitonisa de Endor – para fazerem

adivinhações e prognósticos. Os espíritas não usam nada disso. Não praticam ritos de espécie alguma, nem podem obrigar nenhum morto a sair do túmulo para um bate-papo à meia noite. Os espíritas dialogam com os espíritos, que não são mortos, mas vivos, criaturas de Deus mais vivas do que os chamados vivos da Terra. Jesus mostrou a diferença que existe entre Necromancia, arte mágica dos tempos de ignorância, e Espiritismo, doutrina racional e científica dos tempos de luz, ao evocar Elias e Moisés no Monte Tabor para conversar com eles diante dos apóstolos. E o apóstolo Paulo nos conta, em Coríntios I, ao tratar dos dons espirituais, como eram feitas as sessões espíritas do Cristianismo apostólico, em que os cristãos conversavam com os espíritos para a sua própria edificação espiritual. Confundir Necromancia com Espiritismo é ignorância, o que Deus perdoa, ou má fé, o que não tem perdão, porque é o pecado contra o espírito de que fala o Evangelho e que tem de ser pago pelo pecador.

Esclarecendo o problema da morte dentro de nova concepção da vida

Desaparecimento dos antigos mistérios que cercavam o fato natural – Morte, simples fase da vida – As palavras do apóstolo Paulo: “Planta-se o corruptível, nasce o incorruptível”.

A compreensão exata do fenômeno da morte, em seu verdadeiro sentido, em sua verdadeira significação, é uma das mais belas contribuições do Espiritismo para o homem dos nossos dias. No passado, principalmente nas grandes civilizações orientais, o homem desfrutou de elevada compreensão do sentido da vida, e conseqüentemente da morte. Mas essa compreensão era ainda perturbada pela falta do esclarecimento científico do problema. Apresentava-se envolta na ganga mística ou teológica do mistério. A sobrevivência constituía uma certeza, mas uma certeza de tipo enigmático, de conseqüências imprevisíveis. Os mortos não eram ressuscitados, não eram homens tão somente desprovidos do corpo físico, mas almas de um mundo desconhecido.

O Espiritismo, como explica Allan Kardec em “A Gênese”, vindo depois do desenvolvimento científico, trouxe a vantagem de objetivar o problema da sobrevivência, de colocá-lo no plano da observação e da experiência, de submetê-lo aos processos de verificação e pesquisa científicas. Graças a essa nova colocação do problema, a morte foi despojada dos seus aparatos místicos e do seu sentido cabalístico. Passou a ser encarada de maneira natural, como um fato que pertence à ordem natural das coisas, tão sujeito às leis da vida como o próprio nascimento. “Nascer, crescer, viver, morrer, renascer ainda, progredir sempre, tal é a lei”, afirmou Kardec. Nascimento, vida e morte nada mais são do que três fases de um mesmo e único processo, o processo da vida.

Acabando com os chamados “mistérios da morte”, o Espiritismo demonstrou, experimentalmente, que o homem se liberta do seu corpo físico de modo tão natural quanto a larva se trans-

forma em borboleta. Lembrando os ensinamentos de Cristo e dos seus apóstolos, mostrou que a ressurreição, como escreveu o apóstolo Paulo em sua primeira epístola aos Coríntios, é de ordem espiritual e não material. “Planta-se o corruptível, nasce o incorruptível; enterra-se o corpo material, nasce o corpo espiritual.” Nem anjo, nem demônio, nem alma do outro mundo, nem entidade misteriosa, o espírito daquele que morreu é o próprio morto que ressurgiu da morte. É o mesmo homem que conhecíamos na Terra, com seus vícios e suas virtudes, apenas desprovido de um envoltório grosseiro, como um escafandrista que, por tirar o escafandro, não deixa de ser o que era.

Essa nova concepção da morte liberta o homem do medo de morrer, ensina-lhe mesmo a conveniência e a necessidade de morrer, quando soar naturalmente a sua hora, e tira aos que ficam os motivos de angústia e desespero. Uma suave compreensão substitui, na mente e no coração das criaturas, o velho temor e a antiga revolta contra as leis naturais. Ernesto Bozzano, o grande pesquisador italiano, entre as suas muitas monografias espíritas, incluiu um estudo sobre “A Crise da Morte”, que merece ser lido por todos os que se preocupam com esse problema universal. Um estudo objetivo, sereno, claro e lógico, baseado em observações do momento da morte, realizadas em várias partes do mundo.

Dizia Victor Hugo: “Morrer não é morrer, meus amigos, morrer é mudar-se”. E Charles Richet, o grande fisiologista francês, prêmio Nobel de Fisiologia, escreveu a Cairbar Schutel: “A morte é a porta da vida”. O Espiritismo prova a realidade desses conceitos. Através da imensa e variada fenomenologia mediúnica, desde as simples manifestações de tipologia até as de incorporação, de voz-direta e de materialização, o Espiritismo vem demonstrando positivamente a realidade da sobrevivência. Os que se obstinam em ignorar essas experiências, em fechar os olhos para o novo mundo que se abre ante os homens, pagam o duro tributo do sofrimento sem remédio que as velhas concepções lhes impõem.

Dor nos animais

A ordem da Criação se divide em planos ou instâncias (filosoficamente em *hipóstases*). Há enorme distância, como se vê pelo item 597 de “O Livro dos Espíritos”, entre o plano animal e o plano hominal. As plantas e os animais também sofrem, como os homens, também apresentam deformações e aleijões, mas essas coisas são diferentes nos três planos. A matéria é a mesma, mas o conteúdo espiritual (a essência) é diferente. A planta não tem consciência, o animal tem consciência rudimentar, o homem tem consciência definida e possui por isso o livre arbítrio.

A lei fundamental da Natureza é a evolução. Nas fases iniciais de processo evolutivo essa lei é soberana. O mineral, o vegetal e o animal evoluem “empurrados” pelas energias intrínsecas e extrínsecas, ou seja, orgânicas e mesológicas, que representam o que Bergson chamou de “energias criadoras”. O homem, que já tomou consciência de si mesmo e do Universo, sofre ainda o impulso dessas energias mas já pode controlá-las pela sua vontade e orientá-las pela sua consciência. Torna-se então responsável pelos seus atos e enquadra-se na lei moral.

A planta monstruosa é um acidente material. O animal monstruoso é outra forma de acidente no processo criador, um desarranjo da “mecânica” da matéria. Mas a criatura humana tem a sua reencarnação controlada pelas inteligências que executam as ordens referentes às suas necessidades de evolução moral. Assim, a criatura humana tem no seu corpo defeituoso ou monstruoso a aplicação das “deficiências da matéria” em favor da sua correção moral.

Não há expiação para os animais, como vemos no item 602 de “O Livro dos Espíritos”. A dor nos animais é um agente de excitação psíquica, auxiliando o despertar das faculdades do “princípio inteligente”. Nos homens é uma reação provocada pelos abusos de livre arbítrio.

Cientistas russos procuram contatos com outros mundos

Confirma a ciência a teoria espírita da pluralidade dos mundos habitados – Informações da Agência Tass

A doutrina espírita da pluralidade dos mundos habitados, estabelecida no “Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec, e posteriormente desenvolvidas nas obras da Codificação Doutrinária, bem como na famosa obra de Camille Flammarion a respeito, já tem hoje a sanção da ciência astronômica. Não se trata mais de uma suposição, de um sonho, ou de uma simples dedução lógica. As provas da existência de vida em outros planetas acumularam-se de tal maneira, que os grandes centros científicos do mundo já dispõem de laboratórios especiais de astrobiologia, ou seja, de um ramo novo da biologia, dedicado ao estudo das formas de vida nos astros. A Rússia e os Estados Unidos são os países que estão na vanguarda dessa investigação.

As criaturas teimosas, entretanto, continuam a duvidar da existência de vida superior nos demais planetas, como se o nosso pequenino grão de areia, perdido na imensidade, fosse o único ponto cósmico favorecido pela inteligência. Enquanto não puderem ver um homem-cósmico descer à Terra, pisar o nosso chão e falar conosco, sustentarão que só existem vegetais e animais na imensidade cósmica. Fazem lembrar uma imagem de Monteiro Lobato: “Somos como o bicho da goiaba que negasse a existência de outros bichos nos demais frutos da goiabeira.” Não obstante, a própria ciência soviética, tão orgulhosa da sua “superioridade materialista”, já reconhece a possibilidade, e mais do que isso, aceita os indícios da existência de vida humana fora da Terra, e vai ainda mais longe, procurando estabelecer contato com outros mundos habitados.

Ainda em meados de setembro último, a Agência Tass transmitiu, de Moscou, importante notícia a respeito desse esforço da ciência soviética; essa notícia foi retransmitida pela France Press e publicada em toda a nossa imprensa diária. Dizia nada menos

do que isto: os físicos russos, Wladimir Kotelnikov, Vassili Troizly e Vladimir Siforov propuseram a construção de uma potente emissora radiofônica para exploração cósmica, com a finalidade de entrar em contato com civilizações extraterrestres. Segundo esses físicos, existem emissoras cósmicas irradiando para a Terra, com a espantosa potência de um milhão de quilowatts. Acentua a notícia: “Acreditam eles que, explorando sistematicamente, durante um ano, cada setor do céu, poderão captar sinais de homens de outros planetas, até uma distância compreendida entre quinhentos a mil anos-luz.”

O estabelecimento desse contato, e de outras formas de contato que fatalmente virão, provará ao homem terreno, – “esse bicho da terra, tão pequeno”, segundo a expressão de Camões, – aquilo que o Espiritismo vem afirmando há mais de um século, ou seja: que a nossa pobre humanidade terrena é apenas um grupinho da imensa Humanidade Cósmica. Isto poderá ferir o orgulho fútil de algumas pessoas, que pensam ser muito importantes na ordem das coisas, mas também ajudará a humildade dos que sabem, como Sócrates, que o verdadeiro sábio é aquele que “sabe que nada sabe”. E ainda há tanta gente bracejando dia e noite contra o Espiritismo, para defender princípios sectários ou preconceitos absurdos, decorrentes da cegueira e da vaidade daqueles bichos da goiaba, que confirmam a expressão camoniana!

Buda e a onça

Encerrando a recente concentração de Mocidades Espíritas, realizada nesta capital, um orador discorreu longamente sobre a lei de causa-e-efeito, e afirmou, a certa altura: “Podemos lembrar encarnações passadas, como Buda lembrava de ter sido uma onça.” Isso causou estranheza, mas o orador indicou a fonte da informação, que é o livro famoso de Edwin Arnold, “A Luz da Asia”. Toda a palestra, aliás, denunciava orientação esoterista, na linha do pensamento oriental, e não a orientação espírita. Realmente, no capítulo segundo do livro referido, Buda declara: “Lembro-me, remontando a miríades de anos, da época em que vagava entre as montanhas do Himalaia, cobertas de florestas, sendo um tigre faminto, de pele rajada.” Mas essa interpretação

do processo reencarnatório não se conforma com os princípios espíritas, segundo os quais a reencarnação só entra no plano da consciência com a individualização humana. Essa e outras afirmações do orador fazem lembrar a necessidade de maior estudo da Doutrina Espírita, particularmente por parte dos que falam em público, a fim de não lançarem confusões no meio doutrinário.

Os mundos mortos

O problema dos “mundos mortos” vem preocupando alguns leitores que nos perguntam: “Como explica o Espiritismo a existência desses mundos que não servem para nada?” O Espiritismo considera o Universo como um sistema, uma espécie de organismo vivo, constituído de matéria e espírito em constante interação. Os mundos se movimentam no espaço infinito segundo leis precisas, que permitem aos astronautas viajarem de um mundo para outro. O número de mundos vivos, dotados não só de vida vegetal e animal, mas também de vida humana, é maior do que podemos imaginar. Mas entre os mundos vivos existem os mundos mortos, de aparência apenas mineral.

Para que servem esses mundos vazios? Consulte o leitor o capítulo do “Livro dos Espíritos” intitulado “Mundos Transitórios”, que começa no nº 234, e terá a resposta que nos pede. Mas não pense que essa resposta é absoluta, que realmente solucione o problema dos mundos mortos. Ela é dada segundo a nossa capacidade atual de compreensão. Revela apenas a finalidade desses mundos que está mais ao alcance das nossas idéias, do nosso raciocínio. É conveniente lembrarmos sempre que estamos condicionados a uma situação particular, habituados às condições da vida terrena.

Os mundos sem vida servem, segundo explica “O Livro dos Espíritos”, de pouso para os espíritos da erraticidade em suas missões cósmicas. Porque os espíritos são “uma das forças naturais” do Universo, estão por toda parte e exercem suas atividades no espaço interplanetário, nos planetas e seus satélites e até mesmo no interior dos vários globos. Os espíritos agem na Natureza como forças inteligentes, dirigidos sempre por entidades superiores. As lendas referentes a gnomos, fadas, silfos, duendes e tantas outras figuras do folclore e da mitologia dos povos têm sua origem na existência dos espíritos que trabalham nos diversos elementos da Natureza.

É por isso que a Lua, mundo morto, na verdade possui vidas imperceptíveis para o homem. Não podemos considerá-la como

um cadáver sideral, pois ela é antes um laboratório natural. Além disso, exerce funções de equilíbrio no sistema solar, particularmente em relação à Terra, sobre a qual atua através de energias magnéticas, gravídicas e outras ainda desconhecidas. Nada existe de inútil no Universo. A economia cósmica não conhece o desperdício, embora tenhamos, em nossa lógica puramente humana, a impressão de que os desperdícios são enormes. As pesquisas cósmicas, ainda em início, irão mostrar aos homens uma visão mais complexa do Universo, por isso mesmo mais rica e mais bela. Essa é a visão que o Espiritismo nos deu há mais de um século.

A Lua e a Teologia

Os teólogos andam preocupados com o problema da conquista da Lua. Alguns deles comentam que o fato de um homem ter pisado num corpo celeste pode transtornar os fundamentos das religiões. Há mais de um século o Espiritismo vem chamando a atenção dos teólogos para a necessidade de reformularem a sua precária “Ciência de Deus”. Em 1857 Kardec publicou em Paris “O Livro dos Espíritos”, que já modificava as interpretações formais das Escrituras e convidava os religiosos a iluminarem a fé com as luzes da razão. Porque a fé cega, sujeita a dogmas imutáveis, é tradicionalista e estática. A fé e a razão devem andar juntas, pois a verdade é que não se pode ter fé no que não se conhece.

Nesse mesmo livro Kardec expunha os fundamentos da fé racional. Fazia a crítica da fé, como Kant havia feito a crítica da razão. Mas no tocante aos “corpos celestes”, suas explicações foram de extrema clareza. Todos os corpos são celestes, inclusive a Terra. E se o homem pisa na Terra, por que não poderia pisar na Lua, em Marte ou Saturno? Os teólogos evocam os seus dogmas e ficam perplexos diante da possibilidade humana de se descobrir vida nos corpos celestes. Kardec tem um capítulo sobre a pluralidade dos mundos habitados.

O problema religioso não pode estar separado do problema do conhecimento. Os teólogos medievais lutaram para resolver o conflito e conseguir a harmonia entre fé e razão. Os teólogos posteriores preferiram, em geral, acomodar-se nas almofadas da fé como “verdade divina”. Isso levou a Teologia aos conflitos e aos temores de hoje. Não foram os passos de Armstrong e Aldrin na Lua que abalaram os teólogos. Desde os tempos de Hitler que o pastor Bonhoeffer deu o alarma da “crise da fé”, na Alemanha, e iniciou a revolução que hoje lavra no meio religioso com o nome bastante significativo de “Teologia Radical da Morte de Deus” e “Teologia Nova dos Cristãos Ateus”.

Vemos assim que Deus, o objeto da ciência humana dos teólogos, está confundindo os doutores da Teologia. Mas a confusão

desaparecerá no momento em que os teólogos descobrirem que Deus escapa a todas as cogitações teológicas de criaturas pequenas, perdidas num grão de areia do infinito. Deus não é apenas o criador de criaturas mortais na Terra. Seu império é o Universo e sua criação se espalha pelos mundos visíveis e invisíveis, na multiplicidade infinita dos seres.

Conquistaremos outros planetas?

A conquista do espaço cósmico pelo homem terreno é apenas uma picada de alfinete na pele do Universo. Assemelha-se às picadas que demos até hoje na pele da própria Terra, sem conseguir penetrar-lhe as entranhas. É natural que o homem se orgulhe do seu feito, mas convém não se embriagar em excesso. Para começar, devemos lembrar que os nossos combustíveis são ainda demasiado grosseiros: estamos nos atirando à Lua por meio de foguetes, não dispendo dos recursos de energias apropriadas que a Ciência ainda procura.

O “Livro dos Espíritos” ensina, há mais de cem anos, que os mundos habitados se dividem em categorias, como tudo na Natureza. Há mundos primitivos, habitados por humanidades selvagens como foi a Terra no passado. Há mundos de civilizações rudimentares, como a fase das civilizações agrárias em nosso planeta. Há mundos de civilizações em grau semelhante à nossa e mundos de civilizações superiores. Tudo isso no plano de matéria densa em que vivemos. Mas além desse plano (as pesquisas modernas admitem a existência no cosmos de pelo menos sete estados da matéria já conhecidos) há outros de estados menos densos em que se desenvolvem formas de vida e de civilizações altamente evoluídas.

É claro que só está ao nosso alcance, por enquanto, o plano de matéria densa, o cosmos tridimensional em que vivemos. Em nosso próprio sistema solar há planetas conhecidos, como Júpiter, cuja densidade material os coloca fora do nosso alcance. Na “Revista Espírita” Kardec publicou curiosas comunicações de Espíritos sobre a vida nesse planeta e um desenho mediúnico recebido pelo teatrólogo Victorien Sardou, que era médium. Essas informações mediúnicas, como Kardec advertia, devem ser recebidas com reserva, pois estão condicionadas pela capacidade do espírito comunicante e do médium receptor, além de outras limitações. Servem, porém, para nos dar uma idéia aproximada da vida em outros mundos.

Não há dúvida que poderemos conquistar a Lua, nosso satélite natural que parece pertencer à classe dos “mundos transitórios” da escala cósmica de “O Livro dos Espíritos”, ou seja, um mundo que serve apenas de pouso passageiro a homens espíritos na exploração do espaço. Mas, no tocante a planetas como Vênus e Marte, devemos refrear a imaginação. Tudo depende das condições reais desses mundos. Informações mediúnicas recebidas com reserva por Kardec adiantaram que Marte seria inferior à Terra em evolução e Vênus seria superior. A distância em que os planetas se encontram do Sol não parece influir no seu grau de evolução. Mas tudo isso, como fez Kardec, deve ser posto no condicional: “seria” e não “é”. Mesmo porque a finalidade do Espiritismo, como explicou Kardec, não é oferecer-nos “já feito” aquilo que temos de conquistar pelo nosso esforço no estudo e na pesquisa.

O princípio espírita da pluralidade dos mundos habitados inclui a possibilidade de comunicações entre eles. Mas essa possibilidade depende da evolução dos mundos. Dá-se no espaço o mesmo que na Terra, onde a comunicação entre os continentes só foi possível quando os povos evoluíram suficientemente. É por isso que não devemos temer a “invasão da Terra por conquistadores do espaço”, pois esses, na verdade, serão criaturas mais adiantadas que nós. E não é lógico estabelecermos comparações entre esses navegantes do espaço e os violentos conquistadores da América no mundo atrasado do século XVI. A “conquista” de outros mundos, atualmente, não é uma tomada de posse, mas apenas um estabelecimento de comunicação. Estamos na era das comunicações e não do colonialismo, que chega fatalmente ao seu fim.

Os novos místicos

O casal Kirilian prestou um grande serviço ao seu imenso país. São russos. E como bons russos acabaram abrindo uma possibilidade de volta ao misticismo, no bom sentido, ao seu povo místico. A câmara fotográfica de alta frequência que descobriram equivale ao terceiro olho de que sempre falaram os antigos iniciados na Ciência Secreta. É verdade que hoje esse terceiro olho está servindo para as explorações livrescas de Lobsang Rampa e de outros vivaldinos. Mas seja como for, a alegoria desse olho misterioso permanece nas tradições.

Graças à câmara Kirilian os céticos russos da atualidade – os endurecidos materialistas que andaram procurando Deus nas viagens pelo espaço sideral e nada encontraram – tiveram a oportunidade de ver o corpo espiritual de que falava o apóstolo Paulo. Essa câmara fotográfica permite fotografar além da matéria. Já podemos ter entre nós os fotógrafos do Além. Mas alguns cientistas russos, físicos, químicos e biofísicos, aplicando lentes óticas à câmara, conseguiram mais do que simples fotografias. Puderam ver e estão vendo, de olhos abertos, acordados, sem cair em transe ou mergulhar no êxtase – um novo corpo do homem.

Essa novidade científica não é assim tão nova. Desde 1965 que ela vem aturdindo os redutos do materialismo científico na Rússia, ou mais propriamente na URSS. Mas só agora é que as notícias a respeito se tornam mais claras, mais precisas. Nossos jornais noticiaram alguns pormenores da descoberta, mas outros, e certamente os mais importantes, continuam encobertos. Entretanto, duas investigadoras norte-americanas resolveram ir ver a coisa de perto. Visitaram os centros de pesquisa dos soviéticos e tomaram depoimentos importantes de cientistas empenhados no assunto. O livro que publicaram a respeito nos Estados Unidos está para ser traduzido e publicado também entre nós, graças à iniciativa de uma editora paulistana.

Revelações importantes são feitas nessa obra. Depois de verem o novo corpo do homem – um corpo que parece ser o centro

de forças que aglutina e mantém em função o corpo material – os cientistas russos lhe deram um nome novo: corpo bioplástico. Na primeira epístola que escreveu aos Coríntios o apóstolo Paulo o chamou de corpo espiritual e afirmou que é ele o corpo da ressurreição. No Espiritismo Kardec lhe deu a denominação de *perispírito*. Como explicou Kardec, essa palavra foi criada por analogia com o perisperma dos frutos. E isso porque *o perispírito* assemelha-se àquele elemento vegetal, apresentando-se como uma espécie de subenvoltório da alma. Se tiramos a casa do espírito – que é o corpo material – sobra-lhe o corpo espiritual, com o qual ele continua a viver. Paulo foi incisivo ao afirmar na referida epístola: “Temos corpo animal e corpo espiritual; enterra-se o corpo animal e nasce o espiritual.”

Até agora só os videntes podiam ver esse corpo etéreo e sustentar a sua existência. Mas é bom lembrar que Claude Bernard, o pai da Medicina moderna, já havia advertido que, para explicar-se a constância da forma humana, em face da instabilidade da matéria de que se compõe o corpo carnal, era necessário admitir-se a existência de uma espécie de modelo energético responsável pela nossa forma física. Uma teoria que se enquadra perfeitamente na doutrina de *forma e matéria* formulada por Aristóteles. Como se vê, tinha razão o Eclesiastes ao afirmar que não há nada de novo sob o Sol.

A Rússia sempre foi um país de videntes. O misticismo russo é um fenômeno coletivo bastante estudado por antropólogos, sociólogos, etnólogos e psicólogos. O próprio materialismo científico (uma aberração no campo das concepções científicas) transformou-se na Rússia numa espécie de inversão mística. O materialista russo é o mais obstinado, porque é um místico da matéria. Mas a câmara Kirilian iniciou agora a verdadeira contrarrevolução russa. Graças a ela os russos poderão voltar à sua tradição mística. Os primeiros videntes desses novos místicos já estão investigando o fenômeno da morte. Graças à câmara mágica, nesta hora do *despertar dos mágicos*, os videntes russos já viram que a morte não se consuma no corpo. E estão perguntando, admirados, se o corpo bioplástico também morre após a morte...

Corpo bioplástico

Esta é a última novidade da Ciência soviética: o homem possui um corpo bioplástico, espécie de campo magnético que regula e aglutina a estrutura e as funções do corpo material. Desde 1965 que os cientistas soviéticos vêm cuidando disso, mas é claro que o problema, demasiado melindroso, permaneceu no gelo até agora. As notícias recém publicadas em nossa imprensa dão a impressão de novidade. Nos Estados Unidos, porém, já foi lançado há anos um curioso livro sobre o assunto, redigido por duas investigadoras que foram à Rússia e entrevistaram os responsáveis pela descoberta.

Do que é feito esse corpo, do qual até agora a Ciência não tinha conhecimento? A saída russa é a mesma de Bertrand Russel, o conhecido filósofo inglês materialista: de energia material. A obsessão da matéria é tão forte e tenaz como a do espírito. Os místicos do materialismo não perdem nada para os místicos espiritualistas. Se estes explicam as coisas na linha empírica do Bispo Berkeley – o homem é um feixe de sensações dadas por Deus, causando a ilusão do real – aqueles tudo explicam na linha dura de Buchner e Moleschott. Só existe matéria, o resto é silêncio.

Mas o avanço da Física já levou de roldão todos esses teóricos da sensação, sancionando a descoberta psicológica do extra-sensorial. Já dizia o Prof. Ernesto Bozzano, na defesa da Metapsíquica de Richet, que a simples transmissão de pensamento é suficiente para provar que existe no homem algo mais do que matéria. Os anos correram mais rápidos do que podiam esperar os advogados do diabo. E hoje a tese de Bozzano, tão combatida e ridicularizada na época – princípios deste século! – deixou de ser apenas tese para ser realidade científica.

Claude Bernard, o pai da Medicina moderna, já previra nos fins do século passado a necessidade do corpo bioplástico. Não seria possível, a seu ver, explicar-se a unidade e o funcionamento orgânico do corpo físico sem a existência de um modelo energético que os presidisse. O modelo está aí, descoberto pela câmara

Kirilian de fotografia em alta frequência e pelas lentes óticas que lhe adaptaram os cientistas soviéticos na Universidade de Alma Ata, no Kazakistã, próximo à fronteira da China.

Seria o corpo bioplástico de natureza energética material? Ou seria uma formação de antimatéria? Desde 1857, há mais de um século, portanto, o malsinado e injuriado Prof. Denizard Rivail (Allan Kardec) já havia declarado em letra de forma que possuímos um corpo semi-material, ao qual chamou de perispírito. Eis uma solução que se pode dizer dialética. Nem exclusivismo materialista, nem exclusivismo espiritualista. O perispírito, essa forma de alucinação dos espíritas, sintoma evidente de doença mental, transforma-se hoje numa síntese superior, na qual se fundem as teorias contraditórias dos fanáticos do espírito e da matéria. Partimos para o terceiro mundo nos domínios do conhecimento.

Mas poderia haver essa estranha mistura de matéria e antimatéria? Seria lógico admitir-se elemento de tal maneira heterogêneo? A resposta nos vem mais uma vez das pesquisas atuais. Até há pouco se considerava a antimatéria como elemento procedente de regiões longínquas do Cosmos, de onde provinham os raios gama. As fontes cósmicas desses raios, situadas a milhões de anos-luz do nosso planeta, eram tidas como resíduos de explosões gigantescas de corpos materiais em contato eventual com corpos antimateriais. Mas os próprios cientistas soviéticos descobriram recentemente que a antimatéria está presente aqui mesmo, na Terra. E demonstraram isso em laboratório.

O corpo bioplástico, portanto, pode ser um arranjo, por assim dizer, de matéria e antimatéria. Um organismo semi-material e semi-espiritual, pois a antimatéria corresponde ao conceito parapsicológico de extra-físico. O que não é físico só pode ser espiritual ou semi-espiritual. Quando o Prof. Rhine afirmou que o pensamento não é físico, mas extra-físico, o Prof. Vassiliev quis demonstrar o contrário e não o conseguiu. Saiu-se então com a escapadela de sempre: “o pensamento é uma energia física de tipo desconhecido”. Pois o desconhecido está aí, aos olhos dos modernos Tomás da Ciência, para ser conhecido. E é bom

lembrar que o apóstolo Paulo já conhecia o corpo bioplástico, ao qual chamou simplesmente de corpo espiritual.

Pesquisa sobre as relações entre o corpo e o espírito

Descartes acusava os nossos sentidos físicos de responsáveis pela confusão entre a alma e o corpo, e essa acusação é hoje confirmada pela investigação científica. A história das pesquisas parapsicológicas mostra-nos um debate constante entre os que admitem a natureza espiritual dos fenômenos paranormais, e os que tudo fazem para reduzi-los ao campo fisiológico. O mais curioso é que, nesse debate, alguns religiosos se colocaram ao lado dos materialistas, para combaterem o Espiritismo através da nova ciência, que por sinal é a primeira janela do nosso edifício científico a abrir-se para a espiritualidade. Transformaram-se em negadores do espírito.

Compreende-se que os parapsicólogos materialistas, resistindo ao aguilhão, apeguem-se à matéria. É natural, por exemplo, que a parapsicologia soviética, fiel aos princípios do pavlovismo, considere os fenômenos paranormais como decorrentes da fisiologia cerebral. Mas, quando investigadores da estatura científica de Rhine, Carrington e Price, por exemplo, sustentam que esses fenômenos não pertencem ao corpo do homem, e sim ao seu espírito, é estranho que certos sacerdotes insistam publicamente em reduzi-los à matéria. Tamanha insistência e tão estranha contradição fazem crer que esses religiosos, perdidos na confusão de corpo e alma a que aludia Descartes, não sabem o que ensinam ou não acreditam no que pregam.

As pesquisas atuais do grupo de Rhine, nos Estados Unidos, avançam precisamente na busca de uma explicação para as relações alma-corpo. É preciso descobrir, segundo afirma o prof. Rhine, – e isso desde o seu livro “O alcance da mente”, – como pode a mente humana, que não é material, agir sobre a matéria, por vias não materiais. E enquanto os cientistas hoje procuram resolver esse problema espiritual, há sacerdotes que mergulham na treva material. Sinal dos tempos, por certo.

Hipnose e reencarnação na Rússia

Charles Richet, o famoso fisiologista francês, escreveu certa vez a Cairbar Schutel, fundador da “Revista Internacional de Espiritismo”, de Matão, que: “A morte é a porta da vida.” Segundo um ditado popular: “O sono é irmão da morte.” E agora um cientista soviético, o psiquiatra Vladimir Raikov, fez esta descoberta sensacional: “A hipnose não é sono, mas uma forma superior de vigília.” Esta seqüência de afirmações, em que opiniões científicas se ligam através de um ditado popular (a Ciência unida à sabedoria popular) representa uma confirmação da teoria espírita sobre o sono, a hipnose e a natureza espiritual do homem.

Kardec, antes de investigar os fenômenos espíritas, durante mais de trinta anos estudou e praticou o magnetismo. Quando a Academia de Ciências da França reconheceu o Hipnotismo e suas possíveis aplicações médicas, Kardec escreveu na “Revista Espírita” que o Magnetismo, tão repudiado pelos cientistas, mudara de nome e conseguira entrar na Academia pela janela. Agora é a reencarnação, postulado espírita tão repudiado como o Magnetismo, que está entrando nas Academias pela mesma janela aberta pelo Hipnotismo.

Svetlana Vinokurova, repórter soviética, escreveu para a revista “URSS” uma reportagem sobre as experiências do prof. Raikov com estudantes universitários. Como todos os cientistas soviéticos, que são *oficialmente materialistas*, Raikov não se esquece de advertir que nas suas experiências não há nada de misticismo nem de espiritualismo. Hipnotiza os jovens e, segundo sua própria terminologia, faz que neles sejam reencarnados alguns personagens famosos, como o pintor Matisse, o violinista Fritz Kreisler, um “inventor do futuro”, ainda por nascer, e assim por diante.

O que Raikov chama de “reencarnação” é uma personificação hipnótica. O jovem hipnotizado pinta como Matisse, toca violino no estilo de Kreisler, projeta em desenhos invenções fantásticas. Fenômenos, aliás, muito naturais no campo do Hipnotismo. Mas

o que não é natural e contrasta com as teorias científicas vigentes, é a opinião de Raikov de que a hipnose não é sono, mas vigília em estado superior. Essa opinião está certa, mas, uma vez comprovada, levará a Ciência soviética a uma comprovação decisiva do Espiritismo. O que nos mostra que Raikov ouviu cantar o galo mas não sabe onde.

Os cientistas de todo o mundo até agora não sabem o que é a hipnose, embora já tenham descoberto em parte o seu mecanismo fisiológico e possam aplicá-la na clínica e na cirurgia, bem como na hipnopediá ou ensino durante o sono. O Espiritismo explica a hipnose como o processo do desprendimento parcial do espírito, em sua ligação vital com o corpo. O espírito parcialmente liberto deixa o corpo em estado de sono, mas está mais acordado do que nunca. O sonâmbulo, realmente, está super-acordado, como percebeu o psiquiatra Raikov. Mas não do ponto de vista materialista.

Não se trata apenas do Hipnotismo. A explicação espírita, confirmada por numerosas experiências científicas rejeitadas pelos materialistas (mas que até hoje não sofreram contraprovas científicas, sendo refutadas somente no campo teórico) abrange muitos outros fenômenos ainda inexplicados, como todos os investigados pela Metapsíquica e pela atual Parapsicologia. As “reencarnações” de Raikov incidem no campo da “regressão da memória”, que é precisamente uma das provas científicas da reencarnação. Raikov não sabe, mas está pisando terreno perigoso, minado pelo “inimigo”, e se avançar um pouco mais não poderá voltar à trincheira materialista.

Lembrava-se a menina de Delhi de ter vivido antes em Mathura

Reconheceu o “ex-marido” e o filho da encarnação anterior

– Completo reconhecimento da casa em que morava e da cidade

– Espanto de um escritor sueco que investigou o caso

– Uma princesa egípcia em Londres.

O caso de Shanti Devi, que acaba de produzir nova agitação na Europa, em torno do problema da reencarnação, repercutiu no Brasil, através da transcrição do relato de Peter Forbes no jornal “People”, de Londres, que não é um jornal espírita. Shanti Devi era uma menina de Delhi, na Índia, que aos quatro anos de idade começou a revelar recordações de sua vida anterior, declarando ter vivido em Mathura, a muitas léguas de distância da sua cidade natal. O curioso é que a menina dizia ter-se chamado Lugdi Devi, pertencido à casta superior dos brâmanes, a que agora já não pertencia mais, ter sido casada e ter tido um filho. Revelou pleno conhecimento dos hábitos e trajes especiais dos brâmanes, sem que, entretanto, jamais tivesse visto um brâmane.

As revelações de Shanti eram de tal maneira precisas e seguras em seus detalhes, envolvendo nomes de lugares e pessoas, que os seus pais resolveram pedir a dois amigos que fossem a Mathura, a fim de deslindar o mistério. Os amigos foram e constataram a plena veracidade das revelações. Encontraram o viúvo e o filho de Lugdi Devi, o templo a que a menina se referia, o local em que dizia ter-se banhado no rio Jumna, a venda em que fazia suas compras, e tudo o mais. Quando Shanti contava nove anos, seu “ex-marido” e seu filho da encarnação anterior foram visitá-la. Ao vê-los, a menina desmaiou. Depois, voltando a si, mostrou-se tomada da maior alegria, abraçando a ambos com efusão e identificando-se perante o marido nas conversações que mantiveram.

O caso de Shanti Devi envolve particularidades curiosas, inclusive a coincidência de sobrenomes. Os Devi de Delhi não têm

parentesco com os de Mathura, pertencendo mesmo a uma casta inferior, pois os de Mathura são brâmanes. A menina foi levada a Mathura, e não só reconheceu todos os lugares em que vivera, como também as pessoas. Visitando a casa que habitara na vida anterior, indicou várias particularidades da residência e lembrou hábitos que o seu “ex-marido” confirmou, admirado, reconhecendo que “Shanti possuía a mesma alma que pertencera à sua falecida mulher”, segundo as palavras de Peter Forbes.

Durante muitos anos, o caso de Shanti Devi foi comentado na Índia e no exterior, até que o escritor sueco Sture Lonnstrand resolveu deslindá-lo. Entendia que tudo não passava de uma grande fraude. Foi a Delhi e a Mathura, investigou tudo o que se referia ao caso, conversou com numerosas pessoas, examinou os locais indicados, verificou os relatórios dos investigadores anteriores, e chegou à seguinte conclusão: “É este o único caso de reencarnação completamente explicado e provado, jamais verificado.” Depois disso, Lonnstrand tornou-se um propagandista do caso, provocando intensa agitação na Europa, em torno do assunto. Como William Crookes, César Lombroso, Crawford e tantos outros, que haviam estudado os fenômenos espíritas com o fim de provar a sua falsidade, Lonnstrand submeteu-se à realidade e modificou sua atitude.

Escrevendo a respeito deste caso, na revista inglesa “Two Worlds”, o prof. Frederico H. Wood assinalou o exagero de Lonnstrand, ao ter este declarado que se tratava do único caso de reencarnação completamente explicado e provado. “Como todos os recém-convertidos, – disse Wood, – Lonnstrand está excitado pela sua descoberta.” E realmente assim é. Porque o caso de Shanti Devi, embora importante, e sobretudo recente, não é o único a apresentar essas características. Há numerosos casos de reencarnação completamente provados, e o leitor curioso poderá encontrar a citação de muitos deles na obra “A Reencarnação e suas provas”, de Carlos Imbassahy e Mário Cavalcanti de Mello. O próprio prof. Wood teve oportunidade de investigar, em Londres, um dos mais importantes, publicando a respeito uma obra em dois volumes, intitulada “O Milagre Egípcio”. Tratava-se da reencarnação de uma princesa egípcia, do tempo

de Amenotep II, na Inglaterra. Caso provado em minúcias, de maneira impressionante, e principalmente através de elementos de alta cultura, como a reconstituição de danças sagradas e da língua egípcia antiga.

E agora mesmo aí está, nas livrarias, a tradução desse curioso livro de Morey Bernstein, “O Caso de Bridey Murphy”, que revive as famosas experiências do cel. Albert De Rochas, diretor do Instituto Politécnico de Paris, sobre a regressão hipnótica da memória. Morey Bernstein conseguiu descobrir, na consciência profunda de uma senhora do Colorado, Estados Unidos, a personalidade de uma mulher que vivera na Irlanda, há mais de um século. E as pesquisas a respeito comprovaram grande parte das revelações feitas pela paciente, o que provocou grande agitação em torno do caso. Bernstein conclui o seu livro, muito ponderadamente, reclamando atenção dos estudiosos e dos cientistas para esse problema. Assinalou o carácter pessoal da sua experiência, mas lembrou as anteriores e encareceu a necessidade de trabalhos mais amplos a respeito. O problema da reencarnação, como se vê, não é tão simples como o pretendem os antagonistas do Espiritismo. Tanto através de casos espontâneos, quanto de pesquisas hipnóticas ou de experiências parapsicológicas, a reencarnação vem se afirmando, através dos anos, como uma lei natural. Já não bastam argumentos, contra esse princípio. É preciso um pouco mais, quando alguém quiser combatê-lo.

Lembranças de vidas passadas confirmadas por comunicações

Casos de lembranças súbitas, relatadas por grandes psicólogos

– Outra forma de prova da reencarnação.

Visões mentais e sensações persistentes de uma existência anterior: eis um problema que pode ser reduzido a termos puramente psicológicos. Mas, quando essas visões e essas sensações não encontram explicação nem solução nos quadros da Psicologia, e quando as revelações mediúnicas as confirmam, o problema se desloca para outro campo de estudos. Só o Espiritismo dispõe de elementos para solucioná-lo. Porque é esta uma das modalidades das provas espirituais da reencarnação. A prova se dá pela concordância do que o indivíduo sente, com aquilo que médiuns diversos, espontaneamente, em situações diversas, e sem se conhecerem entre si, lhe revelam, a respeito de sua existência anterior.

Gustave Geley refere a sensação persistente e poderosa que possuía, acompanhada de visão mental, do momento de sua encarnação na França. O poeta americano Paul Hamilton Hayne escreveu: “Vagando entre a multidão, vi um rosto que conheço, embora julgue nunca haver estado perante este mar humano. Perdido em meio do povo buliçoso e alegre, uma terna canção me estremece, com sua vibração sonora, que talvez escutei em outras estrelas.” Gerardo de Nerval, poeta francês, cantava sua lembrança do tempo de Luiz XIII, ouvindo uma canção que “rejuvenesce minha alma em duzentos anos”, segundo escreveu. São muitos os casos de lembranças desta natureza, mas poucos os que foram confirmados mediunicamente, pela maneira estabelecida acima.

Léon Denis nos oferece, no seu livro “O Além”, o seu próprio caso, afirmando que conseguira provas de suas vidas anteriores, das quais tinha vagas lembranças: “Consistem essas provas nas revelações que me foram feitas, – escreve ele, – em lugares

diferentes, por médiuns que não se conheciam entre si. Essas revelações são concordes e idênticas.” Como se vê, trata-se de um caso típico da modalidade de provas espirituais, que incluímos no nosso esquema. Encontrando-se com médiuns diversos, em lugares diversos, Denis obteve a confirmação espontânea, inesperada, das suas lembranças e sensações de vidas anteriores.

Mas há também uma curiosa forma de recordação, que surge de súbito e se confirma pela reintegração do indivíduo na sua identidade anterior. É o caso, por exemplo, do pastor protestante Ansel Bourne, relatado por William James em seu livro “*Psychology*”. O pastor saiu de casa um dia para ir ao Banco e não mais voltou. Foram inúteis as pesquisas para localizá-lo. Mas certo dia, em Norristown, na Pensilvânia, um tal senhor Brown, dono de uma confeitaria recentemente instalada, acordou assustado com a sua situação. Era o pastor Bourne que voltava à sua identidade atual, depois de uma breve incursão pela sua vida anterior, com seu antigo nome e sua antiga profissão.

Sidis et Goodhart, em “*Multiple Personality*”, citam o caso de um funileiro de Filadélfia que também desapareceu subitamente. Um dia, em Chicago, o funileiro acordou aturdido, reintegrado em sua personalidade atual. Nesses casos, as lembranças se impõem de maneira arrasadora, constituindo uma modalidade espontânea de regressão da memória. Colhemo-nos dos estudos de famosos psicólogos, como se vê pelas obras citadas. A reencarnação se confirma através deles, no mundo inteiro.

FIM

Notas:

¹ Esta crônica mereceu um voto de louvor inserto em ata da Câmara dos Vereadores de Araraquara, a pedido dos então edis Célio Biller Teixeira e Flávio Thomaz de Aquino, que consideraram de "alto valor os ensinamentos na exposição do Irmão

Saulo, pregando acima de tudo a liberdade de culto...". Agradecendo aos vereadores, principalmente porque não eram eles espíritas, Herculano disse: "Essa compreensão humana, que supera os sectarismos exclusivistas do passado, é característica da civilização".